REVISTA UNIVERSAL
LISBONENSE

COLLABORADA POR ESCRIPTORES DISTINCTOS

E REDIGIDA

POR S. J. RIBEIRO DE SÁ.

XIII ANNO.— 1853.— AGOSTO.

LISBOA
ESCRIPTORIO DA REVISTA UNIVERSAL
Rua dos Fanqueiros, 82.

1853

O SULTÃO ABDUL-MEDJID.

(Pag 69.)

A REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE, ao entrar no seu decimo terceiro anno de existencia, apresenta uma notavel alteração, mudando de formato, alterando os periodos em que era publicada, e dando mais desenvolvimento aos artigos.

O seu antigo plano de redacção será accrescentado com uma revista das sciencias e artes, para nessa parte consignar os factos mais importantes do movimento geral das idéas, dentro do vastissimo circulo dos conhecimentos humanos.

Estes factos, que não podiam passar desapercebidos do publico, que ha tantos annos honra a REVISTA com o seu favor, exigem da minha parte, como proprietario e redactor do jornal, algumas breves explicações.

Não darei ás primeiras paginas da nova serie, a terceira, o aspecto de um prologo ou programma, porquanto, para uma e outra coisa, parece-me que servem os 12 volumes já publicados. Quando um jornal tem a fortuna de possuir um prospecto assim desenvolvido e comprovado, perderia o direito á estima publica, substituindo os factos por uma serie de promessas pomposas.

*

A distincta collaboração que por largo espaço tem illustrado as paginas da REVISTA permitte-me o asseverar que este jornal alguns serviços presta ás sciencias, bem como á litteratura portugueza. Espero, e tenho justificados motivos para contar, desde já, com o auxilio dessa mesma antiga collaboração, augmentada valiosamente com as sympathias que se tem manifestado nos primeiros homens das sciencias e das lettras da nossa terra, em favor do pensamento de fundar uma Revista mensal, com a continuação da já conhecida REVISTA.

Aos trabalhos historicos do conego Villela, enriquecidos pelas emendas e notas do sr. cardeal patriarcha fr. Francisco de S. Luiz, juntamos neste numero os nomes dos srs. viscondes d'Almeida Garrett, e de Santarem, do sr. Mendes Leal Junior, e do auctor dos importantissimos apontamentos d'uma viagem á China. E foi só por falta de espaço que não associamos a estes nomes, outros illustres, que assignam excellentes artigos, que já estão em nosso poder para os numeros seguintes.

Folgamos em que assim tenha sido acceito um pensamento, que não é novo para Portugal, mas que em nossa opinião lhe era honroso realisar.

As Revistas como as intendem ao presente as nações mais cultas, já nós as tivemos, e antes que houvessem começado algumas das que mais acreditadas circulam na Europa. Não tinha ainda principiado a publicação da *Revista dos Dois Mundos*, da *Revista Britannica*, da *Revista de Paris*, e do *Jornal dos Economistas*, quando alguns portuguezes publicavam nos proprios focos da civilisação moderna, chamados Paris e Londres, duas Revistas, das quaes a lembrança figura com honra na historia dos jornaes de mais fama.

O *Investigador Portuguez*, publicado em Londres, e os *Annaes das Sciencias e das Lettras*, publicados em Paris, são os dois jornaes a que me refiro. — Desde que cessou a sua publicação tem sido baldados todos os esforços para realisar qualquer empreza nesse sentido, apenas com uma honrosa excepção da *Revista Litteraria*, publicada no Porto e tambem já finda.

Um animo ousado e illustre, o duque de Palmella D. Pedro, julgava de tanto valor para a civilisação do paiz, e para o seu credito historico, a existencia de uma Revista mensal, que senão

tivera sido roubado pela morte á nossa respeitosa estima, para ficar cercada a sua memoria pela geral veneração e saudade, Portugal teria já uma Revista similhante ás estrangeiras. E assim devia ser. — Entre o jornal e o livro as Revistas são uma necessidade na era em que estamos. Não vivem um dia como os jornaes, nem vão além do monumento como os livros; mas, pela continuidade da publicação alimentam a existencia scientifica e litteraria do povo que as possue, e em periodos certos marcam as pulsações que denunciam a força vital destes grandes corpos moraes que formam as diversas nacionalidades. A sua origem é o caracter da época historica que principiou no seculo XVIII. Desde esse tempo a civilisação abreviando a vida e cançando a intelligencia não deixa tempo ás gerações para traçarem o plano de um monumento, para dar lavor á pedra e assental-a, inscrevendo-lhe depois a data da sua passagem na terra. Ha muito que aprender e pouco tempo para viver.

Quando o caminho de ferro liga os povos dos dois mundos, acabando com a idéa aterradora das distancias que tantas vezes fez parar o carro da civilisação na sua marcha triumphante; quando o vapor e outros motores augmentam a força do homem, facilitando o grande desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes, e o telegrapho electrico reduz a instantes a communicação do pensamento entre pontos que se julgavam mui separados, o homem pasma das grandezas que o cercam e duvida da sua intelligencia para as comprehender. E se pela idéa da relação Laplace viu a hypothese da terra ser um atomo em comparação de uma estrella, o que é o homem que hoje entra infante ainda no caminho da vida, e que vê aberto ante si o livro da sciencia como testamento para cumprir das gerações que o precederam? Só Deus, só o espirito que nelle vive o eleva do nada, em que a comparação o abysma, ás alturas do infinito, que a vista não alcança, mas que o pensamento tenta imaginar. No entanto para a curta passagem desta ponte suspensa sobre o mundo, entre um berço e um tumulo, carece de saber, e se não póde estudar os monumentos do passado, procura essas datas que os seus ascendentes não escreveram no monumento, nem no livro, que se apagaram no jornal que viveu um dia, e vem encontral-as nas revistas que são, como certos marcos, para calcular a marcha da civilisação no periodo em que ella andou mais em menos tempo.

A imprensa que daguerreotypa nas suas paginas sem numero todos os movimentos da sociedade, que a segue nas suas transformações como a sombra a luz, recebe como um molde brando todas as modificações do corpo que representa, e accusa o gesto mais rapido e a fórma mais equivoca. Cumpre-lhe por tanto mudar os seus meios de acção de accordo com essa transformação. E assim acontece. A REVISTA mensal era portanto para Portugal, desde algum tempo, não direi só uma necessidade, mas tambem um facto que se devia realisar infallivelmente. Vem tarde essa necessidade e esse facto; mas como intendemos a civilisação ao avesso assim devia ser. Fugimos della para a politica e por ahi andamos derramando o sangue de irmãos, desbaratando capitaes, seccando a fonte do trabalho e afastando-nos do sol da illustração. Eu bem sei que a politica é uma grande coisa, mas sei que se a França é o centro da intelligencia, os seus habitantes foram francezes antes de ser partidarios, e ainda hoje se o perigo ameaça o terreno conquistado pelo estudo á ignorancia, lá vão os francezes e não os politicos combater a insurreição. Sei tambem que se a Inglaterra no tempo dos Tudors importava as sedas da Italia e da Hespanha — se quando as espadas de Henrique VIII e Francisco I se cruzavam nas batalhas, não tinham as suas fabricas productos para figurarem nas pompas da conferencia dos dois inimigos no campo do panno de ouro; bastaram sessenta annos sem luctas politicas exageradas para a civilisação progredir mais de que no tempo decorrido desde Ricardo I, em que os vidros se começaram a usar nas janellas, até Jorge III em que Watt e Boulton revelaram ao mundo a machina a vapor.

Foi depois que Arkright, Horgraves e Crompton fizeram da industria do algodão um collosso, que Trevithck ligou o seu nome ás machinas de alta pressão e ás locomotivas, e depois que o primeiro navio a vapor sulcou os mares que cercam as Ilhas Britannicas que o bill da reforma se discutiu e promulgou. Foi depois que o credito fecundara a industria em todo o imperio, como o sol a terra, que Peel subiu ao poder e modificou a politica de um partido antigo. Foi depois dos caminhos de ferro cruzarem a Inglaterra, como as veias um corpo humano, que uma procissão de *cartistas* pedindo reformas politicas parecia annunciar a proxima discussão de algumas das bases da sociedade. Finalmente foi depois de inaugurada a Exposição Universal que os

banquetes dados a Kossuth pareciam dividir os animos em dois partidos extremos com referencia ás idéas governamentaes. Na mesma Hespanha que parece assemelhar-se a nós, os soldados da filha de Fernando VII defendiam a coroa da joven Isabel da espada do infante seu tio, marchando pelas magestosas estradas com que Carlos III dotou a Hespanha, ao mesmo passo que fundava as escólas gratuitas, a sociedade economica de Madrid, o Museu de pintura e o canal de Mançanares.

Em Portugal as discussões politicas, as guerras dos partidos precederam esses grandes feitos da civilisação que em outros paizes se traduzem na viação rapida e barata, no credito solido e extremamente fecundo, na educação completa e accessivel a todas as classes, no augmento da productividade da terra e no engrandecimento das faculdades do trabalho.

Consigno o facto e repito que a politica é uma grande coisa; mas na presença do que fica exposto poder-se-ha acrescentar que para assim ser é mister que as suas luctas, que as suas paixões e os seus ardentes affectos appareçam na vida dos povos em tempo e logar proprio. O infante não lucta no berço, faz-se homem primeiro e depois é soldado.

As nações na sua organisação moral são como os individuos de que se compoem, com a differença que a sua infancia é por vezes de seculos. Sem que a civilisação lhes tenha dado forças para soffrerem o embate dos combates politicos vivem é verdade no meio desses esforços por vezes nobres e grandiosos, mas a vida é esteril e sem proveito para os grandes principios humanitarios, que o Evangelho, fundando a nova civilisação, testou ao mundo.

E' comtudo para notar, que desde alguns annos, se as luctas politicas se não extinguiram de todo em Portugal, ao menos concentraram a sua acção em certos limites que não abrangem a esphera de toda a vida social; e os povos têem assistido mais como espectadores do que entrando como auctores nos acontecimentos, em que se teem filiado as differentes mudanças da governação publica.

Este facto, que se podia attribuir á indifferença, não é senão o desengano. E devemos saudal-o com prazer, porque elle acompanha o progressivo desenvolvimento de todas as industrias.

As idéas apresentadas em esboço nestas poucas paginas não condemnam nem censuram, pela intenção, os caracteres politicos da nossa terra: e até se transformam em elogios quando con-

signam o facto da acção das suas idéas restringindo-se a um campo em que não ha prejuiso para os interesses geraes da civilisação, que se deve adquirir por meio da applicação das vantajosas doutrinas da economia publica. Em 13 annos de existencia a REVISTA não tem sahido deste terreno, e eu tenho sido fiel observador dos preceitos da crença que as suas paginas tem propagado. E com a voz da consciencia posso asseverar que o estandarte alçado, sem nenhuma côr politica, neste reducto avançado da civilisação, ahi tremula como no dia em que um grande genio, o sr. A. F. de Castilho, o fez tremular para honra sua e proveito da nação. Nas circumstancias do paiz seja-me permittido ter a ambição de fundar, com a continuação do pensamento desse genio, uma Revista mensal, confessando que me seduz a gloria de chegar a obter este resultado, pois que o considero como um serviço que presto á minha patria.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

A SÉ DE LISBOA.

MEMORIA DO CONEGO LUIZ DUARTE VILELLA DA SILVA

EMENDADA E ANNOTADA POR SUA EMINENCIA O CARDEAL PATRIARCHA D. FRANCISCO DE S. LUIZ.

A publicação deste erudito manuscripto, importante pelo valor historico do seu assumpto, e pelo credito que deve merecer seu consciencioso auctor, conhecido pelos bons serviços que prestou á litteratura patria, é realçada pelos toques da penna de oiro do Bispo Conde, já quando investido da purpura cardinalicia.

Julgamos que fazemos um serviço ao paiz, preferindo ao egoismo de possuir a sós um manuscripto de valia, o dar-lhe publicidade nas paginas da nossa REVISTA.

A historia dos factos que se referem ás provas da sua authenticidade, que estão em nosso poder, é simples.

Este manuscripto pertencia á Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. Quando a Sociedade liquidou comprámos o manuscripto authographo da Memoria da Sé, vindo junta a cópia em que s. e.^{ma} havia feito as emendas e annotações que o seu alto saber lhe dictou, e sendo escriptas pelo seu proprio punho. Acompanhavam estes papeis varias cartas escriptas pelo auctor aos directores da Sociedade, com referencia á sua obra, as quaes tambem param em nosso poder.

O sr. Luiz Duarte Villela da Silva foi conego aposentado

na cathedral metropolitana da provincia da Estremadura, cavalleiro da ordem de Christo e de Nossa Senhora da Conceição, e censor regio. Era muito sabedor das nossas antiguidades, e entre os seus escriptos se nota um hoje raro, contendo certas ratificações á Estatistica de Balbi, que revela superior conhecimento das bellas artes. De uma das cartas de que já fizemos menção, copiaremos fielmente o seguinte periodo que nos parece dever ser publicado a par da Memoria.

« Com a singeleza que me é natural ouso affirmar a vv. ss.as que tendo eu escripto sobre diversos assumptos, nenhum me foi mais violento do que quando me propuz a escrever as memorias e antiguidades da Sé. Mostrando eu este escripto a um lente da universidade tão acreditado, como o arcebispo de Lacedemonia o sr. Pereira, e lendo-o me disse: só o seu genio podia avançar a tanto, principalmente não achando no respectivo archivo material algum em que fundar-se. O certo é que trabalhei e fiz quanto em mim coube, ao menos para não escrever nem acreditar fabulas; e é para notar que, sendo a cathedral lisbonense tão antiga e respeitavel, alguem que escreveu a seu respeito foi com penna muito escaça, e pouco ou nada ha escripto nesta materia: é certo, porém, que a parte mais substancial do meu escripto contém artigos além de curiosos, até agora ineditos. Com a maior vontade remetto a papelada, que foi mui exactamente revista pelo sr. patriarcha, que tem o maior interesse se publique, o que tem feito saber a alguns conegos, e que só se descartam, dizendo, não temos, não temos (e quando elles não tem como effectivos, que dirão os que o não são!) Em summa resta dizer a vv. ss.as que o sr. patriarcha a teve na sua mão longo tempo; e fez-lhe aquellas notas que se veem, e emendas que vão nos respectivos logares. »

Em estylo singelo, como diz o proprio auctor, elle escreve judiciosamente um juiso seguro da sua obra. Quem a lêr com a attenção que merece lhe fará esta mesma justiça.

Estimamos que ao honrar as paginas da REVISTA com um escripto valioso nos seja ao mesmo passo permittido o enriquecer, com a sua publicidade, a limitada collecção de obras que temos sobre a nossa archeologia.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

INTRODUCÇÃO.

Se a respeitavel antiguidade adquire direitos á nossa veneração, e inspira um profundo respeito que tira a sua força do amor da patria; a tão nobre intento se deve encaminhar o escriptor, quando tem em vista perpetuar o esplendor e a gloria de uma cathedral coeva da monarchia, e á sua mesma antiguidade andam unidas outras noticias, que não deixam de ter ligação com a historia geral do reino, avivando-se a honrada memoria de portuguezes (1) insignes e de muitos prelados, que por suas acções e merecimentos se fizeram dignos dos mais subidos louvores. Conheço quão ardua seja a empreza a que me propuz, mormente quando faltam documentos e noticias, que a longa mão do tempo tem apagado, não sendo pequeno estorvo e embaraço a perda do importantissimo archivo da cathedral, abrasado pelas chammas do fatal incendio de 1755, que muito podia auxiliar estas memorias, sem passar pelo duro e impertinente trabalho de andar mendigando noticias, e estas muito escaças, em D. Rodrigo da Cunha, na Corographia de Carvalho, e no Mappa de

(1) Quanto o cabido da cathedral de Lisboa estava acreditado naquelles tempos, póde consultar-se Jorge Cardoso no tom. 1.º do seu Agiolog. Lusit. na dedicatoria aos gloriosos S. Vicente, e Santo Antonio padroeiros de Lisboa, e a seu illustre cabido *sede vacante*. Este escriptor o designa como seminario de letras e virtudes. Foram sempre (diz elle) assumptos para os mais auctorisados cargos do reino copioso numero de sugeitos mui qualificados, a saber: deões da real capella, inquisidores, esmoleres móres, chancelleres, DD. priores de Guimarães, e Palmella, embaixadores, confessores dos reis e rainhas, capellães móres, governadores do reino e prelados para quasi todas as mitras delle; e assim mesmo para a purpurea eminencia sete cardeaes, que se designaram ser prebendados nelle, pois juntamente obtiveram ambas dignidades, e, o que mais é, para o summo pontificado, que o papa João XXI de conego desta cathedral fez degráo para a suprema tiara, com não menos gloria do seu cabido, que de Lisboa sua patria; que se de todos houvessemos de fazer menção, seria processo largo, alheio deste logar.

*

Portugal do beneficiado João Baptista de Castro, sendo este escriptor a quem segui em algumas coisas por me parecer mais exacto, e de mais apurada critica.

Comtudo devo confessar com a maior ingenuidade, que para recolher memorias esquecidas por uns, e ignoradas por outros, tive trabalho, e fiz todas as diligencias: todavia não me lisongeio que esta obra corresponda aos meus desejos, e á dignidade que tão respeitavel egreja merece. Contentar-me-hei somente em dar aquellas noticias, que sejam bastantes para mostrar qual tenha sido a sua primordial fundação, na opinião dos mais apurados historiadores; qual a serie de seus antigos bispos, e arcebispos; o tempo em que foi elevada a metropole; como foi abolida e extincta a cathedral, e se erigiu a nova basilica de Santa Maria Maior. Farei uma descripção do antigo edificio, e do seu estado presente. Não faltarei em dar uma copia fiel de todas as inscripções gothicas e semi-gothicas, que se acham exaradas em algumas partes deste augusto templo. Sabem, pois, os eruditos o trabalho que demandam similhantes obras, e o quanto é difficultoso escrever a sabor de todos, e com apurada critica (2); pois escrever com as partes que a historia requer é um dos esforços do entendimento humano; e sendo a historia uma narração das coisas passadas, encontram-se obstaculos mil, e por isso não ouso affirmar (torno a repetir) que estas Memorias sejam elevadas áquelle grau de perfeição que ellas requerem. Podiam-no fazer nossos antigos, e amargamente me queixo da sua omissão, porque nesses bons tempos muitas coisas favoraveis concorriam para tão ajustado e felice intento, principalmente sendo o cabido da cathedral, e ainda depois, tão abundante de sabios, e doutos varões, e tantos que com a ri-

(2) A critica desde o restabelecimento das sciencias tem sido o principal objecto dos grandes escriptores. Para se escrever conforme as suas regras deram excellentes preceitos Langlet Dufresnoy, cuja obra tem por titulo: *Novo Methodo de estudar a historia.* Deve a este respeito consultar-se o carmelita fr. Honorato de Santa Maria na sua estimadissima obra: *Reflexões sobre a critica.* Não se deve despresar a lição do padre Segura Firminiano Estrada, principalmente no dial. 3.º liv. 2.º Todos sabem o pezo e gravissima auctoridade que tem Horacio, e os preceitos que inclue a sua Epistola *ad Pisones.*

queza de sua sublimada sciencia, e rara erudição, não lhes era difficultoso emprehender este trabalho. Tomei-o sobre mim, não só a instancias de alguns dos meus collegas; mas tambem pela efficaz persuasão de um dos mais respeitaveis membros que tanto honra e enobrece o corpo da real academia das sciencias de Lisboa, lançando-me em rosto, que depois de eu ter composto e ordenado as Memorias Historicas da insigne e real collegiada de Santa Maria da Alcaçova, quando na mesma egreja occupava a cadeira de thesoureiro mór, e sendo depois provido em uma das conezias da extincta basilica de Santa Maria Maior, a antiguidade e celebridade desta cathedral exigia da minha tal ou qual applicação este direito, não tendo havido até agora quem avivasse com mais largueza, exactidão e critica, sua respeitavel memoria e preeminencias.

Estou altamente persuadido, que ninguem julgará de pouca monta este meu trabalho : muitos escriptores a elle se tem abalançado. Bem poucas são as egrejas notaveis, principalmente em Italia, de que se não tenham feito descripções, e memorias de sua belleza e antiguidade. O abbade Filippe Rondino em 1656 escreveu *De Sancto Clemente papa et martyre et ejus basilica lateranensi.* Paulo de Angelis deu á luz a bellissima descripção *De Sancta Maria in urbe Romæ.* Luiz de Sancta Martha, dominicano, escreveu *Histoire de l'église cathédrale de Saint-Paul.* Trois Chateaux em 1710, e em 1731 publicou *Histoire de l'église cathédrale de Vaison.* Duport da congregação do oratorio em 1666 escreveu *Histoire de l'église d'Arles, de ses évêques.*

Resta, portanto, affirmar aos meus leitores que me esforcei quanto pude, e quanto permitte meu rude engenho, para que a linguagem fosse verdadeiramente portugueza, corrente, pura, e o estilo acommodado á materia de que se tracta. Confesso que mal podia entrar nesta tarefa, vendo-me quebrantado de forças, e opprimido com a molesta carga de annos, e ligado a obrigações pezadissimas.

I.

Da antiguidade e edificação da egreja.

Não convém nossos historiadores entre si quem fosse o fundador da egreja cathedral de Lisboa, nem marcam o tempo em que foi edificada. Contentaram-se somente em nos certificar, que é antiquissima, e de que logo desde a sua origem este templo fòra construido com extraordinaria grandeza, e magnificencia, allegando (o que não era necessario) por qualificados testimunhos alguns vestigios que ainda hoje permanecem do primeiro edificio. Em verdade é elle um dos mais sumptuosos que enobrecem a capital.

A tradicção, em que sómente se fundam, deu motivo a dividirem-se em varias opiniões, que não parecerá desacertado recopilar neste escripto, para que se distingua o certo e verdadeiro do duvidoso, ou mal fundado; são portanto quatro as opiniões.

A primeira, e mais antiga, é ser esta egreja edificada pelos romanos, e sobem-na a tanta antiguidade que a fazem edificada por Constantino Magno, primeiro imperador christão. As rasões que para isto allegam são de que está edificada do oriente ao poente, e com cruzeiro segundo o costume das egrejas da christandade, e com varandas na parte interior, e quantidade de columnas pela traça do insigne templo de Santa Sophia em Constantinopola, erecto pelo mesmo imperador, com o unico fundamento de que elle e sua mãe Santa Helena fundaram muitas egrejas no oriente e n'outras partes, e que esta fòra uma dellas. Fundam-se tambem para isto em darem por verdadeira a vinda do mesmo Constantino á Hespanha, e na divisão dos bispados, que pelo testimunho de Razis historiador arabe, e da historia geral de D. Affonso, o Sabio, adoptaram com muitos hespanhoes os nossos Vazêos, Barreiros, Resende, e Estaço. Porém a esta opinião se oppõe a critica mais apurada, não soffrendo a preocupação de muitos sabios da Hespanha, fabricando *Chronicões* em que se refere a lenda de muitos santos que nunca

existiram, concilios que nunca se celebraram. Merece louvor o sabio Mayans e Siscar, que desmentiu todas as falsidades do celebre livro *Espanha Primitiva*, que transtornou a verdade com factos fingidos e fabulosos.

Não posso, portanto, deixar de ponderar a incerteza, e inverosimilhança que ha ácerca da vinda do imperador Constantino á Hespanha, e da *divisão* das egrejas que lhe é attribuída. Entre muitos escriptores que negam a vinda do mencionado imperador á Hespanha, merece distincto logar o academico Manuel Pereira Leal, na dissertação sobre o concilio bracharense 1.º É fautor da opinião de ser Constantino o fundador da cathedral, Leitão de Andrade (3) a quem se inclinou o padre Antonio Carvalho da Costa, (4) Antonio d'Oliveira Freire, (5) Bento Morgante, beneficiado da mesma egreja.

(3) Miscelania. Dialog 2.º pag. 56 e seg.
(4) Corograf. Portug. tom. 3.º pag. 342.
(5) Bento Morgant. Descripção funebre das exequias do sr. D. João V pag. 7. Devo advertir, que Miguel Leitão de Andrade na sua Miscelan. a fl. 57, não é de opinião que a cathedral de Lisboa fosse mesquita de moiros. « Nem vejo (diz elle) fundamento em que se fundem os que isso cuidam e dizem. Porque primeiramente, ella está do oriente ao poente, e com cruzeiro como estão todas as sés da christandade. Item se acham muitos letreiros antiquissimos, e tanto que alguns se não podem já lêr, nem intender mais que serem letras latinas, e nomes de christãos, ou sepulturas dos christãos. Por onde se vê não ser obra de gentios, que queimavam seus corpos, e tinham outros modos de se enterrar no campo, e não nos templos. E além disso não se acha em toda a sé (de Lisboa) letra alguma arabica, antes muitas, pela banda de fóra da parte do norte, e no alto, latinas nas pedras, como que eram dos nomes dos pedreiros para seus pagamentos. Principalmente, que as suas mesquitas todas, e ainda as mais nobres, qual era a de Cordova e de Fées, são em quadrado, e são maiores, ou menores quanto tem mais, ou menos columnas com arcos, e todas descobertas no meio para fazerem a çalaa ao céo que é o seu retabulo. Além de que, entre elles é peccado gravissimo pintar nem esculpir nenhuma figura de gente ou animal, nem de arvore nem de ramo, nem ainda de uma bonina, e nós vemos tudo isto nos capiteis, e pedestaes desta sé, e n'outras partes della (e ainda hoje se veem em algumas partes da cathedral algumas coisas que o auctor refere.) Pelo que não ha que cuidar em ser obra dos moiros. » Já

A segunda opinião é, que os suevos foram os edificadores deste templo quando reinaram em Galliza, e parte de Portugal pelos annos de 440, ou os godos seus successores na possessão do mesmo reino, que lançaram fóra os suevos, e foram senhores de toda a Hespanha. O sobredito Miguel Leitão de Andrade aponta esta opinião, e parece seguil-a D. Nicoláu de Santa Maria na Chronica dos Conegos Regrantes, na part. 2.ª liv. 8.º cap. 2.º diz estas palavras: — Entrada a capital no tempo dos godos.

Sustenta-se a terceira opinião, em que esta egreja fôra mesquita de mouros, e a maior que tinham nesta cidade quando o sr. D. Affonso Henriques atomou e resgatou, e que, sendo consagrada, nella rendera o mesmo rei a Deus as graças pela assignalada victoria. Foi seguida esta opinião por Estevão Garibay, fr. Bernardo de Brito, Duarte Nunes de Leão, (6) Martim Carrilho abbade de Monte-Aragon, Luiz Marinho de Azevedo, Mr. de la Clede, Damião Antonio de Lemos. Deixo de ponderar todas as provas, não só de Duarte Galvão, chronista-mór do reino em tempo de el-rei D. Affonso V, mas de outros escriptores, como fr. Antonio Brandão, fr. Leão de Santo Thomaz, que parece não determinarem a verdade com toda a segurança. Entre tão diversas e encontradas opiniões, cumpre mostrar a quarta opinião daquelles, que affiançam ser o sr. D. Affonso Henriques o fundador da cathedral lisbonense, e é a que eu sigo.

Ninguem duvida, que o primeiro monarcha portuguez foi o fundador de muitas egrejas, como as collegiadas de Guimarães, Santa Maria de Alcaçova de Santarem, as egrejas dos Martyres e de S. Vicente de Fóra em Lisboa, a de Santa Maria de Alcobaça, e muitas outras, e com esta certeza, quem poderá duvidar que este piedoso quanto esforçado monarcha lançasse os fundamentos á cathedral de Lisboa? Porém, sem

vemos, que Miguel Leitão de Andrade, não é da opinião que a cathedral de Lisboa fosse mesquita de moiros, dando tambem outras rasões, que se podem vêr no sobredito escriptor, curioso e diligente indagador de monumentos antiquissimos.

(6) Veja-se a Chronica do sr. D. Affonso Henriques, cap. 6.º pag. 58. Hist. de Portug. por la Clede. Monarch. Lusit. tom. 3.º liv. 10.º cap. 3.º Benedictina Lusit. tom. 2.º pag. 316.

recorrer a conjecturas, sem ainda estarmos só pela auctoridade de gravissimos historiadores que a seguem, não fica duvidosa a escolha. Os que seguem ser o sr. D. Affonso Henriques o fundador desta egreja respeitavel, apoiam-se em escripturas authenticas, argumentos bem fundados, para demonstrarem indubitavelmente ser o sr. D. Affonso Henriques o fundador desta cathedral.

Primeiramente o mestre Estevão chantre da mesma egreja, coevo do mesmo monarcha, no relatorio da trasladação do corpo de S. Vicente, o qual permanecia em original no cartorio da mesma egreja, e por cópia no extincto mosteiro de Alcobaça; testimunha sem suspeita, como delle diz D. Rodrigo da Cunha, assim pelas qualidades da sua pessoa, como por escrever á vista dos que com elle foram a tudo presentes, tratando desta egreja diz assim e conforme vem impresso na part. 3.ª da Monarchia Lusitana n.º 25 no Apendix. — « Gaudet et insuper ecclesiam quam ipse ad honorem Dei, et memoriam B. Virginis Mariæ instituit, et ditavit manuque propria sumptuque fundatam ædificavit, et beneficiis amplioribus successu temporis ædificatam profecto donabit : » — O arcebispo D. Rodrigo da Cunha, que deu traduzida do latim esta mesma relação do Chantre Estevão no cap. 9.º, 10.º e 12.º da part. 2.ª da Historia Ecclesiastica de Lisboa, traz desta maneira esta sua auctoridade no 1.º destes capp. pag. 81 col. 2.ª : — « Pois se via sublimada, e enriquecida com o corpo de tão glorioso martyr, e avantajada sua egreja, que elle em honra de Deus, e da Virgem Santa Maria, de seus proprios fundamentos levantára, e dotara sobre todas as mais com um tão precioso dom como aquelle. » Em segundo logar temos o testimunho do livro velho da mesma Sé chamado o livro dos obitos, de que faz menção o mesmo Brandão na Monarchia Lusitana, liv. 10 cap. 30. Tral-o Jorge Cardoso (7) e fr. Agostinho de Santa Maria (8), e é do theor seguinte : — « Idus Decembris sub E. MCCXXIII obiit illustrissimus Rex Portugalium Dominus Alphonsus an. vitæ suæ 88. regni ejus 56. qui inter

(7) Agiolog. Lusit. tomo III Comment. ao dia 13 de junho etc., pag. 674.
(8) Sant. Mariano, pag. 27.

plurima inclita gesta Civitatem hancapotestate Sarracenorum eripuit; et operis Ecclesiæ ad honorem Dei et B. Mariæ Virginis regali munificentia extitit fundator et fautor. » O bacharel Christovão Rodrigues Azinheiro na Chronica do sr. D. Affonso Henriques (9) assevera ser este esclarecido monarcha o fundador deste augusto templo. Não me forro ao trabalho de copiar o que ácerca desta egreja deixou escripto o mencionado chronista: — « E loguo neste comenos adoeceu o muito Catolico Rei D. Affonso Enriquez, donde se finou em Coymbra sendo de edade de noventa e hum annos; e foi chamado Principe vinteesete annos, avendo corẽta e seis, que fôra levantado por Rey no campo de Ourique, e assy qué prouve a Nosso Senhor de o levar deste mundo o nobre Catolico Rey D. Affonso Enriquez o primeiro Rey de Portugal, que fez estas cavallarias já ditas, e ainda o derradeiro anno de sua vida vẽceo a Miramolym com treze Reys Mouros em seu carro triumfal, e tomou todolos os lugares da Estremadura, e passou entre o Tejo, e Odiana, e tomou Evôra, Serpa, Elvas, e outros lugares. ***Fêz a Sée de Lisboa*** e fêz o Moesteiro de Santa Cruz de Coymbra de sobrepeliz, na era de mil cẽto e oitenta (anno de Christo 1142) e fêz o Moesteiro de Alcobaça em honra de Sam Bernardo, na éra de mil cẽto e novẽta, e fêz o Moesteiro de S. Vicente de fóra de Lisboa. »

Persuado-me ter mostrado ser o primeiro rei de Portugal o fundador da cathedral de Lisboa, e desapparecerem todas as contrarias opiniões examinadas aos olhos de uma justa e discreta imparcialidade. O testemunho de Azinheiro não deixa de ser de muito pezo, e auctoridade, por ser de um escriptor antigo, e recopilar, sommar e abreviar (como elle diz) todas as lembranças dos reis de Portugal das Chronicas velhas e novas sem mudar a substancia da verdade.

Accresce que nos refere a Chronica antiga da fundação do mosteiro de S. Vicente dos Conegos Regrantes de Santo Agostinho (de quem ainda havemos tratar) que depois de referir a tomada de Lisboa, diz ao nosso intento o seguinte: — « E depois que o nobre Rey dõ Afõso esto ouve ordenado ẽ que maneira a terra, e outrosy a dita Cidade fosse poboada: fez vir a seu cõselho todolas ãqlas nasções dos Christãos que cõel

(9) Tomo 5 dos Ineditos d'Acad., pag. 54.

erã na dita Cidade, e disse lhes assy. Amigos vós bem sabedes ẽ como eu atéqui ordiney, e destribuy os bẽs temporaes a todolos vos outros: nos he compridoiro de avermos de tornar ao serviço de d's: e fazer em esta nobre Cidade *egreja Cathedral* e ẽlegermos em ella bispo, e pastor.» André de Rezende na relação que trata — de Reliquiis Corporis Sancti Vicentii Levitæ et Martyris tratando da egreja de Lisboa, escreve: — «Ecclesia in honore gloriosæ Virginis Dei Matris fabricata consistit in qua pretiosum Corpus Beati Vicentii Martyris Corpus honorifice requiescit.»

Esta questão já foi debatida entre alguns dos meus antigos collegas, que eram de opinião contraria, e teimosamente defendiam ter sido a cathedral mesquita de mouros, e de nenhuma sorte admittiam ter sido a sobredita cathedral, fundação do sr. D. Affonso Henriques: eu seguirei outra, e diversa opinião, uma vez que se desmintam com solidos, e bem assentados fundamentos as provas que tenho adduzido.

II.

Tomada de Lisboa pelo sr. D. Affonso Henriques, e instituição do cabido por D. Gilberto.

Depois que o invicto rei se apoderou de Santarem em 1147, tentou pôr cerco a Lisboa. Esta empreza era arriscadissima, porque a cidade era forte, torneada de grossas muralhas, e sustentada por um enxame de barbaros, (10) que a defendiam

(10) Já em outro escripto publiquei que alguns escriptores para eclipsarem a nossa gloria, e o assombro do valor portuguez, pertendem fazer conhecer que os moiros era gente fraca e bisonha na arte de guerrear; é errado e sem fundamento este juizo, por quanto elles tinham os principios geraes, diz o barão de Zur-labem. Já em 1249 tinham machinas, e eram destros em manejal-as. — «Serpunt susurrantque scorpiones circumligati ac pulvere niterato incensi» — veja-se Casiri na *Biblioth. Arabic.* tom. 3.º pag. 7. Já na tomada e assalto de Lisboa construiam e levantavam torres, abriam fossos, empunhavam alfanges, brandiam lanças. Os chuços, balestras, escorpiões, testudines, trabucos, e outros artefactos guerreiros não lhes eram desconhecidos. Os curiosos e amantes da respeitavel antiguidade, podem a este respeito vêr as bellissimas estampas do celebre Montfaucon. *Tré-*

*

com valor e intrepida ousadia. O arraial christão assentou-se para a parte oriental em o sitio aonde depois se lançaram os fundamentos ao mosteiro de S. Vicente de Fóra. (11)

A relação antiga do monge Otta ácerca desta gloriosa conquista, e que Marinho no liv. 4.º cap. 177, diz fôra impressa por mandado do sr. D. João III em 1598, refere os acontecimentos, depois de alcançada a victoria, da maneira seguinte: — « Estando assi elrey em posse da Cidade de Lisboa: e com grã victoria que d^s. dera sobre os ẽmigos da fé: e vendo muitos corpos dos Christãos assi dos Portuguezes: como dos Frãcezes: e das outras nações subditas: que iaziã mortos das feridas, que receberõ dos ẽmigos da fé: e que verteram seu sangue por amor de Jezu Christo, sabendo e sendo bem certo que erom todos martyres: e suas almas eram em praizo por a qual razom fez chamar a seu Conselho todos aquelles que de bom logo erom: e outro assy fes vijr a este Conselho o arcebispo dom João que em quel tempo era de Braga: e sobreditos byspos que erom comel: e toda outra clerezia que hy erom comel: Entom disse elrey ẽ pressença de todos. Amigos vos bem sabedes quanto bem e merce ds. ha feita aa Caza de Portugal: e ẽ como havemos entrados, destruydos os ẽmigos da fee Catholica de Jezu Xpõ: ẽ tal guiza que deriba do Mynho ata a Lixboa honde ora so-

sor des Antiquités de la Couronne de France; e com maior extensão póde lêr-se a Flavio Vegecio no tratado *de re Militari* edicção de Leyden em 1644.

(11) Não é do assumpto a que me propuz descer ás particularidades de tão importante conquista. Nossos historiadores fazem de tão assignalado feito honrada memoria. O cerco durou 5 mezes, e com o auxilio daquellas nações, que se tinham refugiado no Tejo, se travou accesa e porfiada peleja, e a cidade foi entrada em 25 de outubro de 1147, dia consagrado aos invictissimos Martyres Chrispim, e Chrispiniano; todavia ha quem duvide do dia certo em que a cidade foi entrada. Consta porém, (e por antiquissima tradicção) que o cerco principiou no dia 13 de maio, sem haver variações desde o anno de 1147 até o presente, e abonada esta tradicção com o voto e procissão, que todos os annos se fazia a Nossa Senhora dos Martyres. Já vemos que no anno e mez da tomada de Lisboa, não ha contradicção nem discrepancia nas escripturas antigas, porque todas attestam que foi em 1147 e no mez de outubro, havendo differença no

mos e ē que d[s] fez merce som os ēmigos da fee curridos e mortos e destruidos. E hora vede ē como d[s]. quis fazer compridamente mercee aos Portuguezes ē lhes tragendo de muytas nações pellas agoas do mar gentes em sua ajuda. Si de Frācezes: Bretões, Theutonicos, e da terra de Belonha; e dos outros logares que vos ja dito forom.

dia, ainda que a inscripção que se acha exarada no atrio principal da cathedral affirma que a tomada de Lisboa fôra a 25 de outubro. Junto á porta travessa da banda do mar, e junto á cruz estava uma lapida, e gravados nella estes versos:

« Tunc anni Domini cum centum mille notantur
Cumque quater denis, quatuor atque tribus
Cum per Christicolas urbs est Ulixbona capta,
Et per eos fidei reddita catholicæ:
Æra millena fuit hoc deciesque vigena
V. decem demptis in Crispini quoque festo. » (*)

Em uma tabua de bronze que está á porta principal da banda de fóra á mão direita, se declara que Lisboa fôra tomada no dia referido. — Æra millena fuit hæc deciesque vigena inde decem demptis in Chrispini quoq; festo.—Porém a Chronica Goda a põe em liberdade um dia antes; isto é no dia nono das kalendas de novembro, que é o dia 24 de outubro, com a clareza de ser sexta feira pelás 6 horas da manhã. — Nono kalendas novembris feria 6 diei hora.

Comtudo, uma carta de um certo Arnulfo escripta ao bispo Teressano, e que publicou Martene no 1.º tom. dos Escriptos e Monumentos antigos pag. 800, diz que a victoria fôra alcançada no dia 21 do sobredito mez, dia consagrado ás onze mil virgens. A memoria antiquissima da fundação do mosteiro de S. Vicente de Fóra citada por Brandão concorda e se ajusta com o que refere Arnulfo. Quanto ao meu intender tudo se póde conciliar dizendo, que no dia 21 foi a cidade resgatada do poder e senhorio dos barbaros africanos, no dia 24 limpa desta damnada e pestilencial gente, e celebrada a procissão em acção de graças no dia 25. O erudito padre Antonio Pereira de Figueiredo, não duvidando do anno em que principiou o cerco, todavia affirma ser entrada a cidade aos 25 de outubro, Compendio das Epochas pag. 259.

(*) Sobre a intelligencia desta inscripção, e da data por ella designada. Veja-se J. P. Ribeiro, Dissert. Chronol. e Crit. tom. 2.º pag. 14.

(*Nota do Bispo Conde.*)

«As quaes nações chegaram aqui de Lixboa por nos ajudar com grande devaçom de alevantarem o nome da santa egreja: hora os corpos delles jazem na terra sem sepultura: e são corpos de grãdes homẽs e de alto sangue, estes corpos som todos martyres e as almas delles ja sõ na gloria do praizo. E por esto tenho por bẽ por se fazer serviço a d.s e á Virgẽ Maria: e aa Sãta egreja e para se fazer honra e serviço a estes corpos dos Santos martyres que levantemos dous moesteyros muito honrados em esta Cidade de Lisboa em que soterremos estes Corpos destes martyres: e lhe demos Sepulturas honradas, e façamos com elles dizer cada dia missas, e as sete horas Canonicas. E depois que o muy nobre rei dõ Afõso esto ouve ordenado ẽ que maneira a terra, e outro sy a dita cidade fosse poboada: fes ver a seu conselho todalas aquelas nações dos christãos que cõ ele erom na dita Cidade, e disselhe assy. Amigos vos bem sabedes ẽ como eu atéqui ordeney, e distribuy os bẽs temporaes a todolos vos outros: e ora nos he compridoiro de avermos de tornar ao serviço de d.s e fazer ẽ esta Cidade *egreja Cathedral* (12) e enlegermos ẽ ella byspo, e pastor: que aja de ser prelado, e regedor dé nossas almas: e ordenador da dita egreja, e clerezia della. E entom responderõ todos esses que prezentes erom dizendo assy. Tu Senhor cometes obras muyto altas e muy prezẽteyras ante d.s pollaquel razom entẽdemos que el he comtigo: e a tudo esto que tu fezestes, e hordenado as atéen, aquiy da terra que d.s te deu; e por esto senhor faze como te del for ministrado. E entõ elrey fez enleger por byspo um homẽ bom daquella naçom dos Engrezes: e avia o nome de Giliberto, era homẽ de Santa vida, e era grande creligo e bem certo nas santas escripturas. E depois que assy enligido o dito byspo ẽviou elrey todo esto ao padre santo e o que lhe acontecera na entrada da dita Cidade e o seu propozito quel era en como havia enligido byspo novamente para serviço de d.e e da santa egreja e que lhe outorgasse e cõfirmasse o

(12) Eisaqui (torno a repetir) temos o mais autentico testimunho de ser o sr. D. Affonso Henriques o fundador da cathedral de Lisboa. Este documento é antiquissimo, e tem por titulo: — *Coronica da fundaçom do moeesteiro de S. Vicente dos conigos regrantes do ãurelio Sãto Augustinho em ã Cidade de Lisboa.*

dito byspo e todo o al que queria fazer edotar os ditos moeesteyros que edificara no tpõ de guerra.

« E entom o padre Santo vendo tantas obras boas quant elrey fazia e como por sua lança e por spargimẽto do seu sãgue e dos christãos tirara a terra do poder dos mouros: e a serviço de d.ˢ e da Santa egreja a trouxera e deu graças a d.ˢ porque a Santa egreja havia tão nobre filho como o dito rey: e outorgoulhe grãdes perdões e grandes indulgẽcias e que elrey as podesse distribuir e dar aos Christãos, e outro ssy os ditos moeesteyros que havia feito. Despois que elrey ouve o recado do Padre Sãto chamou o byspo e lhe disse assy: byspo eu edifiquei ẽ esta Cidade dous moeesteyros emtẽpo que eramos emhoste sobre a dita Cidade portal que todos aquelles que spargiam seu sãgue por o nome de Jezu Christo e morriam em seu serviço nom ouvessem de jazer sem sepulturas. E ora quero e tenho porbem de herdar e dotar aos ditos moeesteyros, e quero logo começar no de S. Vicente de fora. E feito esto disse elrey ao dito byspo em como queria dotar a egreja de Santa Maria dos Martyres quero logo partir com a egreja Cathedral que ha de ser ẽ esta Cidade de Lixboa e partir cõ sera ẽ esta maneyra.

« Quero que o moeesteyro de S. Vicente de fora seija meu propiamente e de todolos reys successores ẽ que a egreja de Lixboa aja para sy e para os byspos que dela forem na dita egreja de Lixboa cõ todo o seu dotamento que eu lhe quero dar: a esto respondeu o byspo asy: Sẽnhor bem sei e som bem certo que a vossa intençom hebem sãtamente ordenada: mas porque aja Cathedral de Conigos pera serviço de d.ˢ e elles sõ homẽs bos: tende por bem de fallar com elles ẽ cabido sobre esto que he vossa võtade de võtade e d'ql acordõ ẽ lhes achar que seria serviço de d.ˢ e vosso a sy votaremos resposta a elrey disse entõ que assy o fizesse. E entõ o dito byspo fes seu cabido cõ conigos e cõ toda a clerezia: repetindo-lhe todo ãquello que elrey avia dito: mostrãdo-lhe toda a sua võtade: e ẽ como dizia que tinha por bem de fazer o que dito he. E ẽ todo o Cabido cõ todala a outra clerezia responderõ todolos em humã so voz dizendo assy. Nos todolos del rey somos: e esta terra ẽ que vivemos el com ayada d.ˢ a tomou aos mouros, e os deitou della fora, e deu voz; se da morada aa Santa egreya porem parece-nos

que he muy bem feito asy como elrey quer assi seya e daqui em diãte faça cõ entender por serviço de d.s, e da Santa egreya. E entõ o dito byspo dom Giliberto vendo como todos respõdião em huma voz: tornou-se a elrey o que fora em cabido acordado.»

Com amparo e protecção do sr. D. Affonso Henriques pôde o bispo D. Gilberto constituir ministros, que servissem á santa egreja de Lisboa, e no anno de 1150 deu fórma a este religioso intento, como constava da escriptura original que segundo o testimunho do arcebispo D. Rodrigo da Cunha (13) se conservava no riquissimo archivo da cathedral, e era da maneira e theor seguinte:

«In nomine Sanctæ, et individuæ Trinitatis Patris, et Filii et Spiritus Sãcti. Ego Gilbertus Dei gratia Ulixbonensis Ecclesiæ consecratus Episcopus, posteaquam præfata civitas erepta est ex manibus Sarracenorum et Christianorum potestati tradita MCXLVII ab incarnatione Domini venerando Affonso Portugalensium Rege, et Regina Mathilda regnantibus, una cum nostrorum Canonicorum consideratione, quos nostri laboris participes vocaveram, necnon etiam cumpræ. Regis, et Reginæ assensu, et Religiosarum personarum nostræ diœcesis favore de prædictorum Canonicorum victuo, et vestitu in posterum providẽs, do et concedo, et jure proprio confirmo triginta et unam domus cum suis heræditatibus, et omnibus pertinentiis suis ubicumque sint, et medietatem Marvillæ et mediatatem omnium decimarum Ecclesiarum totius Episcopatus, quæ ad me pertinent tali scilicet distinctione ut domus præfatæ in suis hereditatibus, et pertinentiis pacificatæ, et mediatas Marvillæ dividatur in triginta et unam portiones, et ex illis portionibus tres personæ scilicet Decanus, Precentor, et thesaurarius duplicem habeant integram portionem tam in victu, quam in vestitu unam, unam pro canonica, alteram pro dignitate personatus, duo autem Archidiaconi Decanus Marvillæ duplicem habeant portionem in Marvilla tantum. Decaniis vero decimam totius Marvillæ tam ex parte Canonicorum et decimã hereditatem domus meæ propriæ habeat quæ fuit Absech, duo autem predicti Archidiaconi suam et dignitatem intregam habeant. Thesaurarius vero, in Eccle-

(13) Hist. Eccl. de Lisboa. Part. 2.a cap. 2.

zia supra hoc quod dictum est suum habeat jus, et dignitatem juxta constitionem Colibriensis sedis. Ad victum autem canonicorum, et personarum sicut dictum est do et concedo medietatem omnium decimarum Ecclesiarum totius Episcopatus, et Regis, et potestatum, et Comitum, et aliorum proborum virorum donec refectorium honeste ad usum, et ad morem francorum præparetur, si qua igitur in futurum Ecclesiastica, Secularisve persona hanc meæ donationis chartam sciens contra eam temerè venire tentaverit aut usurpare voluerit secundo, tertiove admonita si non satisfactione digna emendaverit potestates honoresque se divino judicio existere de perpetrata iniquitate cognoscant, et a Santissimo Corpore, e Sanguine Domini nostri Jesu Christi aliena fiat a qua in extremo examine, districtæ ultioni subjaceat, et Charta semper suum habeat robur, cunctis autem hanc servantibus Chartam sit pax Domini nostri Jesu Christi quatenus et fructus bonæ actionis percipiant, et apud dictum judicem præmia æternæ pacis inveniant. Amen. Facta Charta donationis, et firmitudinis Kalendas Januarri. Era MLXXVIII. Ego Ulixbonensis Ecclesiæ humilis Minister propriis manibus R. Ego præfatæ sedis Episcopus confirmo. »

« Ego Robertus sub. — Ego Bartholomeus Arch. subs.— Ego Matheus fornensis subs. — Ego Arnulfus subs. — Ego Joannes Eborensis subs. — Ego Pelagius colibriẽsis subs. — Ego Villelmus d'Panoias subs.—Ego Adam canselarius subs. — Ego Durandus præceptor subs. — Ego Menalaus Thesaur sub.—Ego Libertus de Bal subs.—Ego Gilbertus de Chint. sub.—Ego Martinus de Rumenel subs.—Ego Galterius primus. subs. — Ego Petrus Portucal. subs. — Ego Stephanus subs. — Ego Jacobus sub. — Ego Nisó subs. — Ego Jacobus subs. — Ego Joannes subs. — Ego Nicolaus subs. »

Petrus Portucal.

Devo advertir que o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, ainda que indagador da origem, preeminencias e dignidades da egreja lisbonense escreveu com penna muito escaça; por que é de presumir que no importantissimo archivo da cathedral que existia no seu tempo não faltariam documentos com que podesse illustrar, ampliar, e aperfeiçoar a historia,

que se propoz escrever, e não podesse conseguir exacta averiguação do principio e primitivo estado da egreja lusitana, porque dando na sua Historia Ecclesiastica noticia de alguns prelados adquirida pelos concilios, a que assistiram, não trata das dignidades, e ordem das jerarchias, que então houvessem, nem do logar em que fôra edificada a cathedral, e do seu verdadeiro fundador, nem do anno em que tomou posse o bispo D. Gilberto, nem do tempo da creação das primeiras dignidades de que principiou a compor-se a diocese; todavia façamos-lhes justiça; porque apesar das minhas diligencias, o mais que se descobre em tanta antiguidade, é já haver em 8 de fevereiro de 1155, e anno de 1149 dignidades, e conegos; porque para se formar o cabido com o consentimento do mesmo sr. D. Affonso Henriques fez o bispo D. Gilberto naquelle dia a doação assignada pelo deão, chantre e arcediago de Santarem (depois mestre escóla) e por 18 conegos. É certo, que passados annos, em 21 de fevereiro de 1203 anno de Christo 1165 fez a ratificação do que foi o bispo D. Gilberto. Comtudo não se póde saber se eram 6 as dignidades, e 24 as conesias instituidas por este bispo, como accusa o livro intitulado—*Ordenança ou Instituição da Sé* que existia no archivo da metropole, ou se foram 25 as conesias regulando a conta dellas pelo numero das casas feitas pelo bispo Gilberto; porque buscando o fio da historia nos annos seguintes houve tempo em que o coro (então collocado no corpo da egreja á imitação das cathedraes de Hespanha, e ainda em Portugal, como antes da invasão de 1810 existia na egreja do extincto mosteiro de Alcobaça) se contavam 40 cadeiras, que eram occupadas com 6 dignidades, e 34 conegos; 20 delles da parte aonde estava o deão, e em que elle tinha a primeira cadeira, o arcediago de Santarem a segunda, e o arcediago de Lisboa a ultima, e as outras 20 da parte aonde estava o chantre aonde elle era o primeiro, e o thesoureiro-mór o ultimo das dignidades: o que tudo constava de um livro antigo em que estavam lançados os aprestimos, e se conservava no archivo da cathedral.

VIAGENS.

UM CAPITULO INEDITO

DOS APONTAMENTOS

DE UMA VIAGEM Á CHINA

PELO SR. CARLOS JOSÉ CALDEIRA.

Folgamos em que nos seja permittida a honra de abrir a nova serie da REVISTA, publicando um capitulo inedito do 2.º volume de um livro, que em nossa opinião deu um nome a seu illustre auctor.

Como temos a satisfação de estarmos auctorisados para publicar alguns dos capitulos que pintam a situação politica da China, bem como outros contendo variedades curiosas e originaes sobre aquelle paiz, essa publicidade servirá de justificar a opinião que teremos de emittir quando se termine a publicação de uma obra que fóra de Portugal faria a seu auctor uma reputação mais illustre que a de tantos novelleiros viajantes que tem seus nomes escriptos na historia litteraria dos paizes estrangeiros. Para honra de seu auctor se em Portugal poucos terão lido os Apontamentos de uma viagem á China, os jornaes inglezes e hespanhoes os tem transcripto como pinturas exactas daquelle desconhecido e importante imperio.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

SAIDA DE LOANDA — UM ENTERRO A BORDO — E CONSIDERAÇÕES SOBRE O SERVIÇO RELIGIOSO NA MARINHA.

Dezoito dias me demorei na cidade de Loanda, que achei muito melhor do que m'a representavam informações e leituras: devi attenções e favores a varios dos seus habitantes, de que agradecido sempre me recordarei, e especialmente ao doutor fisico mór, cujo trato ameno e franco tive occasião de reconhecer melhor do que nas simples relações de sociedade que com elle já tinha em Lisboa.

No dia 11 de junho fui para bordo, havendo-me despedido gratamente do meu bom hospedeiro, e ás 3 horas da tarde desamarrava-se a corveta da boia, e largando as velas nos fomos lentamente afastando da cidade, que ao fim da tarde apenas confusamente se via no horisonte envolvida em neblina.

Ao sair de Loanda dirigimos a prôa ao noroeste, e passámos na altura das embocaduras dos rios Bengo, Dande, Lifune, e Ambriz: depois deitámos para oeste, deixando ao nordeste a ponta do Padrão, na foz do grande rio Zaire ou Congo. O tempo correu favoravel e temperado, ainda que humido e nebuloso: os ventos do sudoeste foram bonançosos, e poucas vezes frescos.

A 16 e 17 o vento refrescou mais, deitámos de 6 a 7 milhas, e fizemos singraduras de 2º, sempre para oeste, aproveitando as brisas geraes, que são quasi constantes entre os tropicos.

O passageiro Miguel Caetano Pinto, que embarcou em Moçambique bastante doente para vir restabelecer-se em Portugal, experimentou consideraveis melhoras depois da saida d'aquelle porto, mas pelas paragens do cabo de Boa Esperança peiorou, e o seu estado se foi aggravando successivamente até que falleceu no dia 17 pelas 9 horas da manhã, tendo bem pouco tempo antes declarado as suas ultimas vontades, em testamento oral, ou nuncupativo.

Lisongeio-me de ter concorrido, pelas lembranças que lhe suscitei n'aquella aflictiva occasião, para o bem de seu filho natural Augusto Caetano Pinto, mancebo de 18 annos que estudava em Goa, e que instituiu seu herdeiro universal.

Pelas 7 horas da noite o cadaver foi levado da camara em um tosco caixão de madeira sem forro algum, feito no mesmo dia, e deposto junto ao patim de estibordo: lançaram-lhe dentro saccos de areia e balas de artilheria, e pregaram a tampa rasa do caixão. Passaram-se uns 10 minutos nestes preparativos, durante os quaes se observou uma scena digna da penna de Young.

A officialidade e passageiros estavam alli com lanternas nas mãos, as quaes lançavam frouxa e incerta luz sobre as suas fi-

guras, e as dos marinheiros apinhados em redor, e trepados pela enxarcia grande, formando tudo um grupo singular e confuso de homens, todos com a cabeça descoberta, e que se movia uniformemente, como se fossem um só corpo, para se equilibrar contra o balanço do navio, o qual corria á bolina com vento fresco, deitando 6 a 7 milhas; a vela grande enfunada e amurada a bombordo formava como uma abobada pardacenta sobre os assistentes, e além d'ella scintillavam as estrellas na escuridão do céo, onde o disco da lua nova apenas se divisava como um ligeiro e gracioso traço, feito na abobada do mundo pela mão invisivel de algum anjo de Deus.

Geral silencio reinava em todos os circumstantes; só se ouviam a espaços eguaes as martelladas do pregar da tampa do caixão, e o ruido continuo das vagas cortadas pela prôa do navio, como se fosse o funebre canto da egreja pelo finado.

Finalmente o pesado e grosseiro féretro foi levado ao patim do portaló: ouviu-se um baque surdo e mal distincto na agua, e um cadaver descia rapido aos abismos do Oceano, no momento em que o immediato dizia com voz soturna: *Rezemos um Padre Nosso e Ave Maria por alma d'este nosso irmão.*

Assim passou uma existencia, assim desappareceram para sempre aos olhos dos homens os ultimos vestigios de um homem!

Se o fallecido morresse em terra, pelos haveres que possuia seria provavelmente conduzido o seu cadaver ao sepulchro em faustosos coches, envolvido em ricos pannos, acompanhado de amigos, e deposto em vaidoso monumento. Aqui o coche que levou esse cadaver foi um navio, que pelo espaço de 10 horas correu velozmente com elle sobre as ondas do Atlantico; o panno mortuario foi a alva espuma das ondas, e a sepultura o abismo dos mares!

Fez-se porém bem sensivel n'este acto a falta de um ministro da religião. O padre na ordem do mundo e do christianismo é o ministro indispensavel nas scenas solemnes da vida. Elle recebe, como diz Lamartine, o homem do seio da sua mãe, e só o deixa no tumulo; abençoa ou consagra o berço, o leito nupcial, o da morte, e o do sepulchro; é o consolador por condição de todas as miserias da alma e do corpo, e sua palavra cae d'uma esfera superior sobre as intelligencias e os corações, com toda a auctoridade da sua missão divina.

Todos os navios de guerra deviam ter um capellão, segundo a lei e boa policia antiga da nossa marinha. Se ha minucioso cuidado em prover ás necessidades fisicas da tripulação d'um navio, como se despresam inteiramente as suas necessidades moraes? E não será a religião a primeira dellas?

Um bom padre, um verdadeiro sacerdote de Deus, é tão necessario como util a bordo, onde póde exercer salutar influencia

nos costumes, na disciplina, e até na coragem dos marinheiros.

Cumpre porém que o governo faça boas escolhas, ou antes que os prelados auxiliados pelo mesmo governo, criem e eduquem um clero digno e destinado a tal missão, a qual certamente nem é, nem póde ser exercida dignamente por esses poucos capellães actuaes da nossa armada, que, como é notorio, carecem das qualidades indispensaveis para o exercicio da sua religiosa profissão.

É tambem necessario que os commandantes e a officialidade prestem aos capellães a precisa consideração, e que sejam os primeiros a dar o exemplo ás suas tripulações de regularidade de costumes, e de sentimentos religiosos, ou ao menos de respeito por elles.

A mania ou moda da incredulidade e mofa nos assumptos de religião vae passada nas naçõe smais cultas: entre nós porém, e especialmente em algumas classes e nas colonias de Africa, ainda subsiste pela distancia a que caminhamos na ordem da civilisação moderna.

Na marinha franceza attende-se e se provê ás necessidades moraes e religiosas das tripulações dos seus navios de guerra: sempre me lembram com emoção as scenas que presenciava a bordo da corveta *Capricieuse*, na minha viagem de Shangai para Macáo.

Ao pôr do sol os tambores tocavam á chamada, e reunida a guarnição os officiaes se aproximavam, formando todos o grupo de uns 200 homens. Em seguida á marcha executada por dois tambores collocados junto ao mastro grande, um guardião ou chefe de marinheiros lia a ordem do serviço, ou dos postos que certos chefes deviam occupar no caso de combate. Depois avançava gravemente o capellão para o centro do grupo, descobria-se, benzia-se, e todos o imitavam: recitava em voz alta uma breve oração, terminada a qual dispersava-se a multidão aos signaes dos tambores, quebrando-se o silencio religioso que durava alguns minutos.

Esta occasião era solemne, e sempre me fazia profunda e indefinivel impressão. Tudo o que nos rodeava concorria para dar a esta oração em commum tal caracter de gravidade, de grandeza, de mysteriosa e sombria magestade, que me arrebatava o espirito, e de ordinario ía depois d'ella melancolicamente reclinar-me sobre o tombadilho, olhando mudo e extatico para o mar e para o céu!

Concluiu-se no dia 18 o inventario do espolio do fallecido Pinto: em dinheiro achou-se 4:400$000 rs., e subiu ao valor total de mais de 5 contos De tudo ficou depositario o commissario do navio.

Era este o terceiro fallecimento a bordo desde que saímos de Macáu. O primeiro foi do cozinheiro Alfredo, á saída de Singa-

pura, e tambem fez suas disposições em testamento escripto, approvado pelo escrivão do navio, que tem auctorisação e fé para estes actos. Procedeu-se a inventario do seu espolio no valor de 260 patacas, mas commetteu-se depois, no meu intender, uma grande irregularidade, que foi fazer arrematar em leilão todos os objectos de que elle se compunha, indo a corveta á vela poucos dias depois da saída de Moçambique. Se esses objectos estivessem sujeitos a deterioração antes do fim da viagem, havia razão fundada para tal resolução, e ainda assim julgo que o leilão devia ter sido feito em Goa ou Moçambique, fazendo-o annunciar em terra para chamar concorrentes; porque á vela é o mesmo que fazel-o ás portas fechadas, pelo pequenissimo numero de lançadores, e contemplações de inferiores para superiores. Mas o espolio de que trato não estava neste caso; constava de fato, sedas, varios artefactos da China, e coisas de prata e de oiro, tudo de facil arrecadação e conservação. Eu só censuro a resolução adoptada, porque a sua execução correu com toda a regularidade.

Em Macáu parte dos salvados na explosão da fragata D. Maria II, tambem foram vendidos em leilão a bordo da corveta D. João, achando-se fundeada no porto, e ao qual ninguem concorreu da cidade, arrematando-se objectos de valia por preços insignificantissimos. Parece-me que se deviam prohibir todos os leilões a bordo, excepto os dos espolios da roupa dos marinheiros.

Com verdadeiro empenho recommendamos neste logar a excellente obra de que este capitulo faz parte. E o leitor achando justificadissima a nossa recommendação depois de ter apreciado a verdade que sobresahe em todos os quadros do auctor a par do pinturesco dos costumes, realçado por estylo sempre tocante e por vezes formosissimo e apaixonado.

SCIENCIAS.

DO MAGNETISMO ANIMAL.

Estamos persuadidos de que os nossos leitores lerão com vivo interesse o seguinte extracto da biographia de Mr. Bailly por Mr. Arago (Francisco), lida, no instituto em 26 de fevereiro de 1844, mas só publicada agora em 1833. É a primeira vez que um sabio do seculo XIX, distincto entre todos, discute a magna e delicada questão do magnetismo animal.

« No começo do anno de 1778 veio estabelecer-se em Paris um medico alemão. Mesmer, pois cumpre nomeal-o, affirmava ter descoberto um agente até alli totalmente desconhecido dos professores da arte e dos fysicos, um fluido universalmente espalhado e que por isso mesmo servia de meio de communicação e de influencia entre os globos celestes, um fluido susceptivel de fluxo e refluxo, que se introduzia em maior ou menor abundancia na substancia dos nervos e os impressionava por um modo util; dahi o nome de magnetismo animal, dado a esse fluido.

« O magnetismo animal (dizia Mesmer) póde ser accumulado, concentrado, transportado, sem soccorro de corpo algum intermediario: reflecte-se como a luz; os sons musicos o propagam e augmentam. »

Propriedades tão claras, tão formaes, parecia que deviam ser susceptiveis de verificações experimentaes: portanto era mister prever o caso de falharem; e Mesmer não deixeu de attender a isso: eis a sua declaração. — « Ainda que o fluido seja universal, nem todos os corpos animados o assimillam no mesmo grau; alguns ha, postoque em numero mui pequeno, que só com a sua presença destroem os effeitos deste fluido nos outros corpos. »

Admittido isto, dada a faculdade de explicar a falha do resul-

tado pela presença de corpos neutralisadores, Mesmer não corria em muito risco de achar-se em apuros. Nada obstava a que annunciasse com toda a segurança — « que o magnetismo podia curar immediatamente as molestias de nervos e mediatamente as outras; que fornecia ao medico os meios de avaliar com certeza a origem, a natureza e o progresso das mais complicadas molestias; finalmente, que a natureza offerecia no magnetismo um meio universal de preservar, e de curar os homens.

O publico cegou-se com a novidade, a mania foi extrema; por certo tempo parecia que os francezes todos se dividiam em duas turmas, magnetisadores e magnetisados. De uma a outra extremidade do reino, viamos agentes de Mesmer, que munidos de quitança cobravam contribuição dos pobres de espirito.

Os magnetisadores haviam tido a destreza de dar a entender que as crises mesmerianas se manifestavam sómente nas pessoas dotadas de certa sensibilidade. D'ahi por diante, pessoas de um e do outro sexo, para não serem classificadas insensiveis, tomavam junto da famosa tina apparencias epilepticas.

Mesmer sahiu de França pela segunda vez pelo fim de 1781 á procura de um governo apreciador mais illustrado dos engenhos transcendentes: deixou, porém, grande numero de adeptos fervorosos e tenazes, cujas praticas importunas resolveram a final o governo a submetter ao exame de quatro medicos da faculdade de Paris os presumidos descobrimentos magneticos. Estes distinctos medicos sollicitaram que lhes fossem adjuntos alguns membros da academia das sciencias. Mr. de Breteuil designou então MM. Le Roy, Bory, Lavoisier, Francklin e Mr. Bailly para formarem parte da commissão mixta. Bailly, foi depois nomeado relator.

O trabalho do nosso consocio appareceu no mez de agosto de 1784. Nunca uma questão complexa foi reduzida á seus traços caracteristicos com mais delicadeza e tacto; nunca presidiu maior moderação a um exame que parecia tornar-se impossivel pelas paixões pessoaes; nunca assumpto scientifico foi tratado com estylo mais digno, mais limpido.

Os commissarios passam a observar o tratamento de Mr. Deslon, examinam a famigerada tina, descrevem-na cuidadosamente, relatam os meios empregados para excitar e dirigir o magnetismo. Bailly faz em seguida a pintura variada e verdadeiramente extraordinaria dos doentes; encaminha principalmente a sua attenção ás convulsões, que eram designadas pela palavra *crise;* nota que em o numero de pessoas em crise ha sempre muito mais mulheres e muito poucos homens; por outro lado, não suppoem fraude alguma, tem por verificados os phenomenos, e passa á indagação de suas causas.

Segundo Mesmer e os seus partidarios, a causa das crises e

dos effeitos menos caracterisados residia n'um fluido particular. Os commissarios tinham de consagrar primeiramente os seus esforços a procurar provas da existencia desse fluido. — « Com effeito (dizia Bailly) o magnetismo animal póde muito bem existir sem ser util, porém, não póde ser util sem existir. »

O fluido magnetico animal não é luminoso e visivel como a electricidade; não produz sobre a natureza inerte effeitos assignalados e manifestos á vista como o fluido do iman ordinario; finalmente, não tem gosto. Alguns magnetisadores pertendiam que tivesse cheiro; a experiencia frequentes vezes repetida mostrou ser engano. A existencia do presumido fluido não podia, portanto, ser verificada nos entes animados.

Effeitos curativos lançariam a commissão n'um labyrintho inextricavel; porque a natureza per si só, sem tratamento algum, cura muitas molestias. Neste systema de observações, não podia dar-se ao magnetismo a parte que lhe competiria senão depois de grandissimo numero de curas, depois de ensaios longamente repetidos.

Tinham, pois, os commissarios de limitar-se aos effeitos momentaneos do fluido sobre o organismo animal. Primeiramente, sujeitaram-se elles proprios ás experiencias. Os commissarios, magnetisados por Deslon, não sentiram effeito algum. Aos individuos sãos succederam doentes tomados das diversas classes da sociedade; destes em numero de quatorze cinco sentiram effeitos, nos outros nove o magnetismo não teve acção alguma.

O magnetismo, não obstante pomposos annuncios, já não podia ser considerado como indicador certo das enfermidades. Era preciso determinar até que ponto a imaginação influe sobre as nossas sensações, e verificar se ellas podiam ser causa, no todo ou em parte, dos effeitos attribuidos ao magnetismo.

Nada mais claro, mais demonstrativo do que este trecho do trabalho dos commissarios. Vão primeiro a casa do doutor Jumelin, o qual obtem os mesmos effeitos, as mesmas crises que Deslon e Mesmer, magnetisando segundo um methodo inteiramente diverso, não se adstringindo a distincção alguma dos polos; escolhem os individuos que parecem sentir mais fortemente a acção magnetica, e obstam ao trabalho da imaginação vendando-lhes os olhos de tempo a tempo.

Que succede então? Quando os sugeitos veem, a séde das sensações é precisamente o sitio magnetisado; quando se lhes vendam os olhos, collocam essas mesmas sensações ao acaso, em partes ás vezes mui afastadas daquella para onde o magnetisador dirige a sua acção. O sugeito, que tem os olhos abertos, sente muitas vezes effeitos assignalados, n'uma epocha em que não o magnetisam, e pelo contrario fica impassivel quando o magnetisam sem que elle o saiba.

As pes:oas de todas as classes appresentam as mesmas anomalias. Sensações experimentadas assim quando não se magnetisa não podem ser evidentemente senão obra da imaginação. Os commissarios eram logicos mui rigorosos para se contentarem com estas experiencias.

Sendo conduzido a Passy no jardim de Francklin um mancebo, disseram-lhe que Deslon, que o trouxera alli, acabava de magnetisar uma arvore. O mancebo correu o jardim e cahiu convulsivo, porém não foi debaixo da arvore magnetisada: a crise atacou-o quando abraçava outra arvore não magnetisada, e muito distante da primeira.

Deslon escolheu, no tratamento dos pobres, duas mulheres que se tornavam notaveis por sua sensibilidade em torno da tina, e conduziu-as a Passy. Estas mulheres cahiam em convulsões, todas as vezes que se julgavam magnetisadas, postoque não o estivessem. Em casa de Lavoisier, a celebre prova da taça deu effeitos analogos; agua natural produziu algumas vezes convulsões, e agua magnetisada não as produziu.

Na verdade seria mister renunciar o uso da rasão o achar neste conjuncto de experiencias, tão bem ordenadas, a prova de que a imaginação só póde produzir todos os phenomenos observados em redor da tina mesmeriana; e que os processos magneticos, despojados das illusões da imaginação são absolutamente destituidos d'effeito. Comtudo, os commissarios reassumem a questão sob este ultimo aspecto, multiplicam os ensaios, rodeam-se de todas as precauções possiveis, e dão ás suas conclusões a evidencia de demonstrações mathematicas: estabelecem, por fim, experimentalmente que um impulso da imaginação tanto póde produzir a cessação das crises como geral-as.

Prevendo muito bem que as pessoas de animo inerte ou preguiçoso se admirariam do papel principal que os commissarios assignalavam á imaginação na producção dos phenomenos magneticos, Bailly lhes mostra: — o sobresalto causando grande desordem nas vias digestivas; o pezar originando a ictericia; o medo do incendio restituindo o uso das pernas a paralyticos; uma vehemente attenção suspendendo os soluços; o pavor tornando brancos os cabellos n'um instante etc. etc.

Os commissarios examinaram, emfim, se as convulsões, effeito da imaginação ou do magnetismo, podiam ser uteis, curar ou alliviar as pessoas achacadas. — « Sem duvida (dizia o relator) a imaginação dos doentes frequentemente influe muito na cura de suas molestias. Ha casos em que é necessario perturbar tudo para regular de novo; porém, o abalo deve ser unico, ao passo que no tratamento publico pelo magnetismo, o habito das crises não póde deixar de ser funesto. »

Este pensamento tocava em considerações as mais delicadas:

foi desenvolvido n'um relatorio dirigido ao rei pessoalmente. Esse relatorio devia permanecer secreto; mas, ha annos que foi publicado. Não foi máu que tivesse publicidade; o tratamento magnetico, considerado por certo lado, agradava muito aos enfermos; agora estão advertidos de todos os seus perigos.

Tive sempre pena de que os commissarios não julgassem conveniente ajuntar ao seu excellente trabalho um capitulo historico. Imagino tambem que, vendo as praticas mesmerianas já em uso ha mais de dois mil annos, o publico perguntaria se em caso algum foi necessario tão desmesurado intervallo de tempo para dar voga a uma coisa boa e util. Circumscrevendo-se a esta intenção, bastariam algumas particularidades.

Plutarcho, por exemplo, mostraria Pynho curando com fricções feitas com o artelho de seu pé direito as molestias de baço. Sem nos affoutarmos a uma interpretação exaggerada, será licito contemplar neste facto o germen do magnetismo animal.

Vespasiano poderia figurar por seu turno entre os predecessores de Mesmer, em rasão das curas extraordinarias que, operou no Egypto pela acção do seu pé. Até seria possivel invocar os nomes de Homero e Achilles. Com effeito, Joaquim Camerario affirmava ter visto n'um antiquissimo exemplar da Iliada versos que os copistas supprimiram porque não os entendiam, e nos quaes o poeta fallava das propriedades medicinaes que possuia o artelho do pé direito daquelle seu heroe.

Tenho pena sobretudo do capitulo em que Bailly contaria como alguns adeptos de Mesmer tiveram a pertenção de magnetisar a lua, e fazer caír em syncope n'um dia marcado todos os astronomos que observassem este astro; perturbação, diga-se de passagem, que a nenhum geometra tinha lembrado desde Newton até Laplace.

Já indicamos que os commissarios da academia e da faculdade medica não pertenderam que as reuniões mesmerianas fossem sempre sem effeito: viram sómente nas crises productos simples da imaginação; nenhuma casta de fluido magnetico se lhes revelou. Vou provar que a imaginação gerou da mesma maneira a refutação que Servan fez da theoria de Bailly. — « Negaes (exclama o procurador geral), senhores commissarios, a existencia do fluido a que Mesmer tem feito representar tão importante papel: porém eu sustento não só que esse fluido existe, mas tambem que é o intermediario por meio do qual são excitadas todas as funcções vitaes. Affirmo que a imaginação é um dos phenomenos creados por aquelle agente, e que a maior ou menor abundancia delle em tal ou tal de nossos orgãos póde mudar totalmente o estado intellectual normal dos individuos. »

Toda a gente concorda em que uma afluencia mui decidida de sangue ao cerebro atordoa o entendimento. Effeitos analogos

ou diversos poderiam evidentemente ser occasionados por um fluido subtil, invisivel, imponderavel, por uma especie de fluidos nervosos, ou de fluidos magneticos, se preferem este nome, que circulassem em os nossos orgãos. Por isso os commissarios se acautelaram em não fallar, a tal respeito, em impossibilidades. A sua these era mais modesta, contentavam-se em dizer que nada demonstrava a existencia de similhante fluido; a imaginação não fez papel algum no seu relatorio.

Todos os corpos vieram a ser, para os illuminados, focos de emanações particulares, mais ou menos subtis, mais ou menos abundantes, mais ou menos dissimilhantes. Até ahi, a hypothese achou poucos contradictores, mesmo entre os animos mais rigidos; porém, bem depressa essas emanações corporeas individuaes foram dotadas umas em relação ás outras, sem a menor apparencia de provas, já de um grande poder de assimilação, já de um antagonismo decidido, já, em fim, de uma completa neutralidade; e presumiu-se vêr nestas qualidades occultas as causas materiaes das affecções mais mysteriosas da alma. Então, a duvida devia necessariamente apossar-se de todos os espiritos a quem a marcha severa das sciencias tinha ensinado a não se contentarem com palavras vãs. No systema singular que acabo de recordar, quando Corneille dizia — « ha vinculos secretos, ha sympathias com que as almas condizendo umas com as outras se prendem por agradaveis correlações... » — e quando o celebre jesuita hespanhol, Balthazar Gracian, fallava do *natural parentesco das almas e dos corações*, alludiam ambos, e de certo sem tal suspeitarem, á commixtão, á penetração, ao cruzamento facil de duas atmospheras. — « Eu não te amo, Sabido, (escrevia Marcial) não sei porque; o que te posso dizer é que não te amo. » — Os mesmerianos facilmente removeriam as duvidas do poeta.

Plutarcho informa-nos que o vencedor de Arminio esmorecia á vista de um gallo. A antiguidade pasmou deste phenomono; e todavia que cousa tão simples? As emanações corporeas de Germanico e do gallo exerciam a acção repulsiva.

Ao marechal de Albret ainda tocou peior mal do que a Germanico; a atmosphera que o fazia caír em syncope residia na cabeça do porquinho montez separada do corpo. A que tristes provas os militares deviam estar sujeitos, se a theoria mesmeriana dos conflictos atmosphericoç recobrasse credito! Teriam que preservar-se dos gallos e dos leitões dos porcos bravos.

Não é sómente entre as emanações corpusculares dos corpos vivos que os mesmerianos estabeleciam conflictos; estendiam as suas especulações, sem hesitar, aos corpos mortos. Sonharam os antigos que a corda de tripa de lobo não póde vibrar accorde com a corda de tripa de carneiro? Uma desharmonia de atmos-

pheras torna possivel o phenomeno. É tambem um conflicto de emanações corporeas que explica estoutro aphorismo: — o som de um tambor feito com pelle de lobo tira toda a sonoridade ao tambor feito com pelle de ovelha.

O folheto de Servan, engenhoso, agudo, escripto com amenidade, era digno por estes tres motivos do acolhimento com que o honrou o publico; porém, não abalava em parte alguma o trabalho limpido, magestoso, elegante de Bailly; este derrocou de alto abaixo as idéas, os systemas, as praticas de Mesmer e de seus adeptos; accrescentemos com sinceridade que não podemos invocal-o contra o somnambulismo moderno: a maior parte dos phenomenos agrupados sob este nome nem eram conhecidos nem annunciados em 1783. Um magnetisador de certo que diz a cousa menos provavel do mundo, quando affirma que tal individuo, no estado de somnambulismo, póde vêr tudo na mais profunda obscuridade, póde lêr atravez de uma parede e mesmo sem o soccorro dos olhos. Porém, a improbabilidade destes annuncios não resulta do celebre relatorio. O physico, o medico, o simples curioso, que se dedicam a experiencias de somnambulismo; que julgam dever indagar se em certos actos de excitação nervosa, os individuos são realmente dotados de faculdades extraordinarias, por exemplo, da faculdade de ler com o estomago ou com o calcanhar; que pertenderem saber claramente até que ponto os phenomenos annunciados com tamanha segurança pelos magnetisadores da nossa epocha, são traças de embaidores e pelotiqueiros; todos elles de nenhum modo recusam a auctoridade da cousa julgada: não se collocam em opposição com os Lavoisier, os Franklin, os Bailly, penetram n'um mundo inteiramente novo, cuja existencia aquelles sabios illustres nem se quer suppunham.

Eu não approvaria o mysterio em que se involvem os sabios sisudos que vão assistir hoje a experiencias de somnambulismo. A duvida é uma prova de modestia, e de raro perjudica os progressos das sciencias; não se poderia dizer outro tanto da incredulidade. Quem, fóra do dominio das mathematicas puras, profere a palavra « impossivel » é falto de prudencia. A reserva é sobretudo um dever quando se tracta da organisação animal. Os nossos sentidos, não obstante mais de vinte e quatro seculos de estudos, de observações, de pesquizas, estão longe de ser um assumpto esgotado.

Vêde, por exemplo, o ouvido. Um physico celebre investiga isto, e logo sabemos que, dada igual sensibilidade relativamente aos sons graves, tal individuo ouve os sons mais agudos, e outro individuo não os ouve: está averiguado que certos homens, com orgãos perfeitamente sãos, nunca ouviram a barata das chaminés, e nem lhes passa pela idéa que os morcegos dão muitas

vezes gritos bastante agudos; e excitada uma vez a attenção sobre estes singulares resultados, alguns observadores tem achado as differenças de sensibilidade mais extraordinariss entre a sua orelha direita e a sua orelha esquerda etc.

A visão offerece phenomenos não menos curiosos e um campo de averiguações ainda infinitamente mais vasto. A experiencia provou, por exemplo, que existem pessoas absolutamente cegas para certas cores, taes como o encarnado, e que gosam de perfeita vista relativamente ao amarello, ao verde ou ao azul. Se o systema newtoniano da emissão da luz é verdadeiro, é mister admittir irrevogavelmente que um raio de luz cessa de ser luminoso logo que se augmenta ou diminue a velocidade um decimo millesimo.

Nada suscitaria mais duvida, em as maravilhas do somnambulismo, do que uma asserção muito a miudo reproduzida, respectiva á propriedade de que certas pessoas gosariam, no estado de crise, de decifrar uma lettra, a distancia, com o pé, com a nuca, com o estomago etc. A palavra *impossivel* parecia aqui completamente legitima. Comtudo não duvido que a retirem os espiritos severos, reflectindo nas engenhosas experiencias em que Moser produz, tambem a distancia, imagens mui claras de toda a casta de objectos em toda a casta de corpos e na obscuridade mais completa.

Consignando aqui estas reflexões desenvolvidas quiz demonstrar que o somnambulismo não deve ser rejeitado *à priori*, sobretudo pelos que estão ao corrente dos recentes progressos das sciencias physicas. Tenho indicado factos, correlações, de que os magnetisadores poderiam servir-se como armas contra os que julgarem superfluo tentar novas experiencias, e até mesmo assistir a ellas. Pela minha parte, e não hesito em dizel-o, postoque apesar das possibilidades que indiquei não admitto a realidade de leituras atravez de paredes nem atravez de outro qualquer corpo opaco, nem pela unica intervenção do cotovello ou da nuca, julgaria faltar ao meu dever de academico se recusasse assistir a sessões onde me fossem promettidos taes phenomenos, com tanto qne me concedessem influencia bastante na direcção das provas para me certificar que não era victima da charlataneria.

Franklin, Lavoisier, Bailly, tambem não acreditavam no magnetismo mesmeriano, antes de serem membros da commissão nomeada pelo governo, e comtudo repare-se com que cuidado minucioso, com que escrupulo variaram as experiencias. Os verdadeiros sabios devem ter constantemente diante dos olhos estes dois versos:

Julgar descobrir tudo erro é profundo,
Vêr no horisonte o limite do mundo.

DOCUMENTOS DIPLOMATICOS.

CATALOGO DOS MANUSCRIPTOS DIPLOMATICOS

DO

MUSEU BRITANICO

DE QUE POSSUE COPIAS O VISCONDE DE SANTAREM,

RELATIVOS A PORTUGAL.

Era impossivel e doloroso para nós o quebrar-mos a continuação destes importantes documentos na transformação da REVISTA em um novo formato, e em uma nova serie. Indicaremos portanto que o principio deste precioso catalogo, com que nos honrou o nosso illustre collaborador o sr. visconde de Santarem está no n.º 36 do 12.º anno e a sua continuação em os n.os 37, 38, 39, e 40 do mesmo anno.

Illm.º Sr.

Paris 2 de Junho de 1853.

Envio a v. a continuação do catalogo dos manuscriptos do *Museu Britannico* relativos ás relações de Portugal com Inglaterra, de que possuo copias, rogando a v. o favor de a fazer publicar na REVISTA.

Os 210 documentos mencionados nas listas que tenho enviado para a REVISTA, acham-se nas Collecções de Manus-

criptos das bibliothecas *Cottoniana*, e *Harléana* que fazem parte do *Mueeu Britanico*.

Das duas grandes collecções de manuscriptos destas bibliothecas, existem dois catalogos in folio impressos com muita nitidez e luxo, em virtude de resoluções do parlamento e de ordens regias.

O da primeira foi publicado em 1802 com o titulo seguinte:

A Catalogue of the Manuscripts in the Cottonian Library deposited in the British Museum.

O da segunda foi impresso em 1808 com o seguinte titulo:

A Catalogue of the Harleian Manuscripts in the British Museum; with Indexes of persons, and matters.

A redacção deste é superior á do primeiro. Ambos são precedidos de interessantes e curiosas prefações, onde se menciona a origem destas collecções, e como foram collocadas no *Museu* quando se fundou aquelle riquissimo estabelecimento.

Foi por estes catalogos que ha muitos annos indiquei para Londres as copias dos documentos de que necessitava para as minhas obras diplomaticas, e que me foram enviadas conforme as listas que para esse effeito extrahi dos mesmos catalogos, e outras pelas notas que tirei no mesmo *Museu* por occasião da minha passagem por Londres em 1834.

É comtudo para sentir que muitos dos documentos não tenham datas, e que outros se achem incompletos. No trabalho a que tenho procedido para a parte da minha obra que encerra as nossas relações com Inglaterra, discuto os que se acham desprovidos de datas, e tenho conseguido determinar muitas destas pela confrontação com outros documentos que pela maior parte se não encontram nas ditas collecções.

Aproveito de novo esta occasião para segurar a v. dos sentimentos de estima e de consideração com que tenho a honra de ser

De v.

VISCONDE DE SANTAREM.

173.

1518 — Copias de diversas cartas de lord Berners, e de João Bourghiler, embaixadores d'Henrique VIII ao imperador Carlos V rei de Hespanha e á rainha D. Leonor irmã do dito imperador e mulher d'el-rei D. Manuel.

174.

1518 — Maio 12. — Carta do embaixador d'Inglaterra escripta de *Saragoça* a Henrique VIII onde entre outras coisas, diz que exigira que se declarasse o casamento da sr.ª D. Leonor com el-rei de Portugal.

175.

1518 — Junho 21. — Carta do embaixador d'Inglaterra em Hespanha escripta de *Saragoça* ao cardeal Wolsey, dizendo-lhe que logo que chegasse a dispensa para o casamento da sr.ª D. Leonor elle partiria para Portugal.

176.

1518 — Julho 12. — Carta do embaixador d'Inglaterra a Henrique VIII escripta de *Saragoça* dizendo que a sr.ª D. Leonor devia casar no dia seguinte por procuração com el-rei de Portugal (1).

177.

1518 — Outubro 8. — Carta do mesmo embaixador datada de *Saragoça* a Henrique VIII, dizendo-lhe, que el-rei d'Hespanha iria acompanhar sua irmã a nova rainha de Portugal, e que o embaixador portuguez lhe tinha dito em nome d'el-rei seu amo, que podia elle embaixador d'Inglaterra assegurar a sua magestade (Henrique VIII) que el-rei de Portugal desejava obrar em tudo conforme os seus desejos.

178.

1522 — Depois de Setembro. — Instrucções dadas por el-rei d'Inglaterra a sir Thomaz Boleyn, thesoureiro de sua casa e ao doutor Simpson para que vigiassem o embaixador de Portugal que fôra offerecer em casamento a irmã d'el-rei de Portugal ao imperador, e que se informassem de qual fôra a resposta que se dera a esta abertura. Recommenda-lhes que tenham tambem o cuidado de observar a conducta do mesmo imperador relativamente á rainha portugueza no caso que ella viesse para Hespanha.

(1) Veja-se sobre esta negociação a minha obra do *Quadro elementar das relações politicas de Portugal* tomo II pag. 23 e 24.

179.

1537 — Carta de sir William ao lord *protector* dando parte da recepção que lhe fizera o imperador, e que propozera áquelle monarca o casamento da princeza Maria com o infante de Portugal, D. Luiz, ao que lhe fôra respondido com muito boas palavras, mas que quanto ao mesmo casamento desejava previamente saber o cardeal de Granvelle qual era a porção que Henrique VIII dava das 200$000 coroas com uma de suas irmãs a el-rei de França, e 100$000 coroas com oütra ao rei *d'Escocia*, e de ter offerecido a princeza Maria com 40$000 libras ao mesmo infante de Portugal.

180.

1537 (?) — Instrucções dadas a sir William Paget, mandado ao imperador para negociar a paz perpetua, e para ajustar as condições para o casamento da princeza Maria com o infante D. Luiz de Portugal. (2)

181.

1538 — Fevereiro 22. — Carta d'Henrique VIII a M. Wyatt, recommendando-lhe que persuadisse o imperador em consentir em certas coisas relativas á França. Que os embaixadores em Inglaterra pareciam acceitar as aberturas da negociação para o casamento da princeza Maria filha delle Henrique VIII com o infante D. Luiz de Portugal com 100$000 coroas, não podendo a dita princeza succeder na coroa d'Inglaterra, senão depois de todos os filhos legitimos do mesmo rei nascidos ou por nascer etc.

182.

1538 — Abril 5. — Carta d'Henrique VII ao mesmo sir Thomaz Wyatt dizendo-lhe que o embaixador do imperador lhe tinha manifestado o desejo de que se nomeassem commissarios para tratarem com elle sobre diversas e importantes materias. Pelo que dizia respeito ao casamento do infante de Portugal D. Luiz com a princeza Maria para o qual elle rei offerecia 100$000 coroas, devia elle ministro declarar que elle rei não podia nomear os commissarios de que se tratava antes que o imperador renovasse as suas promessas de se

(2) Compare-se com os documentos citados no tomo II do *Quadro elementar etc.* pag. 95 e 97. *N. B.* Estas instrucções são anteriores ao documento n.º 179.

ajuntar com elle rei como principal contractante nos seus tratados com a França etc.

183.

1550 — Abril 20. — Carta de sir Philip Hoby sobre a resposta dada ao embaixador do imperador a respeito do casamento da princeza Maria com a irmã d'el-rei de Portugal.

184.

1571 — Julho 31. — Carta de sir F. Walsingham a lord Leicester em que lhe diz, que el-rei de França queria mandar M. de *Foix* a Inglaterra para concluir uma estreita alliança com Inglaterra, que era aliás tão necessaria para a França na presente conjunctura, e informava que se tratavam grandes negociações entre o papa, a Hespanha e Portugal para um ajustamento.

185.

1580 (?) — Modelo de fortificações mandado ao governo inglez por o coronel Henrique Worseley presentemente enviado extraordinario em Portugal.

186.

1583 — Julho 11, — Carta do conde d'Essex ao secretario Davison, escripta á sua volta de Portugal.

187.

1585 — Outubro, — Extracto das cartas de Daniel Obrien datadas de Lisboa, e escriptas a diversas pessoas residentes em Irlanda.

188.

1587 — *Abril* 10. — Carta escripta de Lisboa a M. Ricardo May, secretario da companhia dos mercadores de Londres sobre negocios commerciaes.

189.

1587 (?) — *Novembro* 18. — Carta datada de Paris dirigida a sir Francis Walsingham, advertindo-o sobre o que a Hespanha tinha em vista ácerca dos portos da Biscaia, e de *Lisboa*, e accrescenta o auctor, que conhecia perfeitamente o estado das forças d'el-rei de Hespanha.

190.

1588 (?) — Declaracão traduzida do francez em inglez, ácerca do exercito mandado organisar em *Lisboa* por el-rei de Hespanha, de que era general o duque de Medina Sidonia.

191.

1588 — *Abril* 30. — Carta escripta de Madrid a sir Francis Walsingham (sob um nome supposto) participando-se áquelle ministro, que o auctor della estivera em *Lisboa* com o proposito de vêr a *invencivel armada*, incluindo uma relação circumstanciada, accrescentando que o cardeal d'Austria benzera na cathedral de Lisboa o estandarte real, para ser transportado para bordo do navio do duque de Medina Sidonia, e que fôra saudado por uma grande salva de artilheria.

192.

1588 — *Maio* 9. — Relação impressa em Lisboa do exercito hespanhol, dos navios, marinheiros, soldados, munições, etc., apresentada a el-rei.

193.

1588. — Viagem a Portugal por João Estevão Gent.

194.

1588. — Papel em que se tracta de provar que a armada naval que se preparava em Hespanha, não era destinada para a Turquia, Barbaria, França ou *Portugal*.

195.

1588 — *Maio* 12. — Carta de John Wrothe a sir Francis Walsingham, datada de Veneza, ácerca dos rumores que se tinham espalhado em Italia, de que sua magestade britannica intentava restabelecer D. Antonio no throno de Portugal, com ajuda do grão-senhor, e do rei de Fez.

196.

1580 (?) — (Em Francez.) — Discours sur l'entreprire qui pouvait faire le serenissime roy Don Antonio pour le recouvrement de Son Royaume. De l'effet et utilité d'icelle pour ceux des Pays-Bas, *et Secondement pour la serenissime reyne d'Angleterre.*

197.

1603 a 1624. — Volume em folio, contendo a relação de varios estados da Europa, e do mundo, dividido em quatro livros. No 4.º se encontra uma *relação do reino de Portugal.*

Este livro foi composto no reinado de Jacques I, e portanto entre os annos de 1603 e 1624.

198.

1604. — Nota indicativa das materias em que traficavam os negociantes inglezes em Portugal e em Hespanha.

199.

1605. — *Maio* 31. — Extractos dos principaes pontos da carta garantida pelos reis de Inglaterra ao presidente, assistentes e negociantes inglezes que traficam em Portugal e em Hespanha.

200.

1605. — Nomes dos inglezes que commerciavam nesta época com Portugal especificados na carta de privilegios do rei James deste anno, com os nomes de 5 honrados condes que foram commissarios no tratado da paz, e os de diversos outros empregados e creados de sua magestade britannica, que são comprehendidos como membros da dita sociedade, devendo ser collocados como se acham na dita carta, devendo os dos outros cavalheiros e negociantes ser postos por ordem alphabetica.

201.

1622 — Tratado em italiano sobre monsenhor Albergati Colleitor em Portugal.

202.

1641 (?) — Tratado para provas que o reino de Portugal pertence por melhor direito a el-rei D. João IV, actual rei, do que a Filippe IV rei d'Hespanha, porque elle descende de D. Duarte filho de el-rei D. Manuel, e os Filippes não descendem senão de D. Isabel filha do dito rei D. Manuel.

203.

Relação dos acontecimentos militares occorridos nas campanhas de Portugal no verão de 1663, dirigida a João Barker por Samuel Chad Wick.

204.

1667 (?) — Propostas do embaixador de Inglaterra para um ajustamento entre Portugal e Castella.

205.

1667 — Narração dos procedimentos da côrte de Portugal a respeito da demissão do conde de Castello-Melhor, ministro d'estado, e de outros empregados, em agosto, setembro, outubro, e novembro deste anno de 1667.

206.

1705 — *Dezembro* 12 — Das forças alliadas, segundo o pagador geral. Entre estas se acha um artigo que diz: homens empregados com as tropas d'el-rei de Portugal 10:210.

207.

(Sem data) — Sobre certas descendencias das familias de Portugal duvidosas ou falsas.

207.

(Sem data) — Pretenções do duque de Parma á successão do reino de Portugal contra el-rei D. João IV.

208.

(Sem data) — Genealogia dos reis de Portugal descendentes em linha masculina da casa real de França de Roberto duque de Borgonha, irmão de Henrique I, filho do rei Roberto que era filho de Hugo Capeto (em francez.)

209.

(Sem data)—Papel sobre as universidades de Hespanha e de *Portugal.*

210.

(Sem data) — Nota dos portos, enseadas, ancoradouros, caes, caminhos, cidades e pescarias existentes em toda a costa de Portugal desde a Galiza, com a indicação de barcas de pescadores etc.

VISCONDE DE SANTAREM.

POESIA.

O DUQUE DE PALMELLA.

(DOM PEDRO.)

Haverá quatro para cinco annos, quando ainda mal respiravamos do cançaço e da excitação da última guerra civil, nos veio aqui a Lisboa uma visita, que se viera em outra epocha, certamente sería contada como um acontecimento público, victoriada pela Poesia, celebrada pelas Artes, registada em monumento nos fastos nacionaes.

Não succedeu assim: Mrs. Northon, a célebre Mrs. Northon, a que não tem rival em belleza, em graças, em talento, em elegancia, nos tres Reinos Britannicos, passou quasi desappercebida entre nós. Se não fôra o velho Duque de Palmella, sempre solícito em fazer as honras d'esta antiga casa Portugueza aos que mais deveriam ser hospedes da Nação do que seus, Mrs. Northon poderia ir dizer á Europa que visitára o paiz dos Lapithas, — a terra dos Getas, onde, não só a não intendêra ninguem, mas ninguem a conhecêra!

Todas as legações estrangeiras em Lisboa competiram entre si a qual festejaria mais splendidamente e mais cordealmente a rainha da Formosura e do Talento. Acudiram pelo credito de Portugal o Duque de Palmella e o Visconde de Almeida Garrett que ambos se esmeraram, cada um por seu modo, em fazer, repetimos, as honras da velha casa Portugueza á hospeda illustre. Obtivemos, por muito especial favor e distincção, uma cópia dos versos em que o último nomeado commemorou um elegante

festejo dado pelo primeiro na sua quinta do Lumiar por ésta occasião. E com licença de seu illustre auctor, os communicamos a Público, certos da satisfacção que devem dar-lhe.

Esta notavel poesia não leva mais que a simples inscripção NO LUMIAR. Simples sem pretenção nem fasto, a nós parece-nos uma das mais bellas e mais altamente pensadas que teem sahido da fertil penna do rival de Sheridan, o poeta, o orador, o philosopho, cuja reputação passou as fronteiras e já foi julgada em tribunaes que não póde comprar nem assombrar a inveja dos conterraneos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NO LUMIAR.

Era um dia de Abril; a primavera
Mostrava apenas seu virgineo seio
Entre a folhagem tenra; não vencêra,
De todo, o sol o mysterioso inleio
Da nevoa rara e fina que extendêra
A manhan sôbre as flores; o gorgeio
Das aves inda timido e infantil...
Era um dia de Abril.
E nós iamos lentos passeiando
De vergel em vergel no descuidado
Socêgo d'alma que se está lembrando
Das luctas do passado,
Das vagas incertezas do porvir.
E eu não cançava de admirar, de ouvir,
Porque era grande, um grande homem devéras
Aquelle duque — alli maior ainda,
Alli no seu Lumiar, entre as sinceras
Bellezas d'esse parque, entre essas flores,
A qual mais bella e de mais longe vinda
Esmaltar de mil côres
Bosque, jardim, e as relvas tam mimosas,
Tam suaves ao pé — muito ha cançado

Depisar alcatifas ambiciosas,
De tropeçar no perigoso estrado
Das vaidades da terra.
E o velho duque, o velho homem d'Estado,
Ao fallar d'essa guerra
Distante — e das paixões da humanidade,
Surria malicioso
D'aquelle surrir fino sem maldade,
Que tam seu era, que, entre desdenhoso
E benevolo, a quanto lhe sahia
Dos labios dava um cunho de nobreza,
De razão superior.
E então como elle a amava e lhe queria
A ésta pobre terra portugueza!
Velha tinha a razão, velha a experiencia,
Joven só esse amor.

Tam joven, que inda cria, inda esperava,
Inda tinha a fé viva da innocencia!..
Eu, na fôrça da vida,
Tristemente de mim me invergonhava.
— Passeavamos assim, e em reflectida
Meditação tranquilla descuidados
Iamos sós, já sem fallar, descendo
Por entre os velhos olmos tam copados,
Quando sentimos para nós crescendo
Rumor de vozes finas que zumbia
Como enxame de abelhas entre as flores,
E vimos, qual Diana entre os menores
Astro do ceo, a fórma que se erguia,
Sôbre todas gentil, d'essa extrangeira
Que se esperava alli. Perfeita, inteira
No velho amavel renasceu a vida
E a graça facil. Cuidei vêr o antigo
O nobre Portugal que resurgia
No venerado amigo;
E na formosa dama que surria,
O genio da subida,
Rara e fina elegancia que a nobreza,
O gôsto, o amor do Bello, o instincto da Arte
Reune e faz irmãos em toda a parte;
Que affere a grandeza
Pela medida só dos pensamentos,
Do stylo de viver, dos sentimentos,
Tudo o mais como futil desprezando.

Pensei que a saudar o velho illustre
Em seus ultimos dias
E a despedir-se, até Deus sabe quando,
De nossas praias tristes e sombrias,
Vinha esse genio... Tristes e sombrias,
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,
E onde tudo o que é alto vai baixando...

O triste, o que não tem já sol que o aqueça
Sou eu talvez — que, á mingua de fé, sinto
O cerebro gelar-me na cabeça
Porque no coração o fogo é extincto.
Elle não era assim,
Ou, sabia fingir melhor do que eu!

— Como o nobre corcel que invelheceu
Nas guerras, ao sentir o aureo telim
E as armas sôbre o dorso descarnado,
Remoça o garbo, em juvenil meneio
Franja de espuma o freio,
E honra os brazões da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!
Nem os olhos, as fallas, e a sincera
Admiração da bella dama ingleza
Por tudo quanto via,
O fructo, a flor, o aroma, o sol que os gera,
E ésta vivaz, vehemente natureza,
Toda de fogo e luz,
Que ama incessante, que de amar não cança,
E continua produz
Nos fructos o prazer, na flor a esp'rança

Alli as nações todas se junctaram,
Alli as várias linguas se fallaram;
A Europa convidada
Veio ao festim — não ao festim, ao preito.
Vassallagem rendida foi prestada
Ao talento, á belleza,
A quanto n'alma infunde amor, respeito,
Porque é devéras grande: — que a grandeza
Os homens não a dão;

Põe-na por sua mão
N'aquelles que são seus,
Nós que escolheu — só Deus.

Oh! minha pobre terra, que saudades
D'aquelle dia! Como se me aperta
O coração no peito co'as vaidades,
Co'as miserias que ahi vejo andar álerta,
A' sôlta, apregoando-se! Na intriga,
Na traição, na calúmnia é forte a liga,
E' fraca em tudo o mais...

Tu, socegado
Descança no sepulchro; e cerra, cerra
Bem os olhos, amigo venerado,
Não vejas o que vai por nossa terra.
Eu fecho os meus, para trazer mais viva
Na memoria a tua imagem
E a d'essa bella Ingleza que se esquiva
De nós entre a folhagem
Dos bosques de Parthenope. (1) Cançado
Fito n'esta miragem
Os olhos d'alma, em quanto que arrastado
Vai o tardio pé
Por este que ainda é
Que cedo não será, bem cedo — em mal!
O velho Portugal.

ALMEIDA-GARRETT.

(1) Napoles, actual residencia de Mrs. Northon.

ABD-EL-KADER

O ULTIMO CAVALLEIRO ARABE

SCENA EM VERSO.

Um oasis no deserto. Paizagem ardente. Á esquerda a tenda de Abd-el-Kader, com o seu estandarte cravado á porta. Ao levantar do panno os clarins soam ao longe. Abd-el-Kader apparece meio involvido nas cortinas da tenda, e adianta-se a passos lentos.

SCENA I.ª

ABD-EL-KADER

Do infiel os froxos hymnos
Neste ouvido morrer vem
Como os cantos femininos
Das molles noites do harem !
Nem de glorias nem de amores
Sonha sequer os ardores !
Não lhe accende o coração
Este sol — que se elle inflamma,
Faz cada lingua uma chamma,
Faz cada peito um vulcão

De amor fallei ! Tal fraqueza
Vence o guerreiro do Islam,
Foge á perfida belleza,
Vê na mulher uma irmã.
Sente amor ? No amor impera ;
Almas que o ferro tempera
Podem quebrar não ceder ;
Não acceitam jugo ou laço
Querem livres ter o braço
E livres querem morrer.

Em quanto a lei odiada
Reger em terras de Agar
Não tem o árabe morada
Nem chão, nem tribu, nem lar,
Traça a longa carabina,
E largando na campina
O corcel que ardendo está
Tem sempre erguido ou por terra
Na mente um só voto: — a guerra!
Na bocca um só nome: — Allah!

A' guerra santa, Kabilas,
Cavalleiros d'El-Mondhir
Apertae as vossas filas
Que vos chama a voz do Emir.
Eia, a guerra em campo aberto;
Surjam do fundo deserto
Esquadrões sobre esquadrões,
Qual nas areias da plaga
Sobre uma vaga outra vaga
Rompe em alvos turbilhões.

O rude facho que ondeas
Azzael vae-lhes lançar,
Cinja do Franko as ameias
De flammas rubro cocar!
Cidade sobre cidade
Prostre o incendio sem piedade.
Este ceu em que vou lêr
Meu fatal, sanguento rumo
Tenha por nuvens o fumo
Dos seus castellos a arder!

Em terra olivedo e palmas!
Minemos os seus covis,
Vão caír as negras almas
Nas azas negras de Eblis!
O sólo os vomite aos ares,
Devolva-os o ceu aos mares
Por campa as vagas. Depois
Só se apague n'estes luctos
A chamma dos seus reductos
No sangue dos seus heroes.

(Abraçando-se ao estandarte.)

Eil-o ainda aos ceus erguido
O signal da nossa fé;

Errante e sempre temido,
Proscripto e sempre de pé!
N'esta sagrada bandeira,
Nossa esp'rança derradeira,
Ninguem mais ouse pôr mão.
E se eu caír na batalha
Sirvam-me inda de mortalha
Ás dobras do meu pendão.

Já dominaste potente,
Velho inimigo da cruz,
Desde as orlas do Oriente
Até aos fins do Andaluz,
De mil raças triumphante
A' tua sombra gigante
Já dormiram cem nações;
Se a procella te agitava,
Metade da Europa escrava
Tremia nos seus grilhões.

SCENA 2.ª

ABD-EL-KADER — UM ARABE — UM OFFICIAL FRANCEZ FERIDO E ENCOSTADO A UM TROÇO DE ESPADA.

O ARABE.

Nobre Emir, um prisioneiro!

O OFFICIAL

(A Abd-el-Kader).

Eu era só: elles dez.

ABD-EL-KADER

(Ao arabe reprehensivo).

Contra dez um só guerreiro!

O OFFICIAL

(Arrogante).

Era egual: eu sou francez!

ABD-EL-KADER.

Vaidade! Tendo uma espada
Rendeste-te?

O OFFICIAL

(Arremeça-lhe aos pés a espada partida e sustenta-se apenas).

Ei-la quebrada!

ABD-EL-KADER

(Depois de pausa e meditação).

Do Atlas entre os fraguedos
Não nos viste pelejar?

O OFFICIAL.

Inflammados os rochedos
Vi sobre nós a rolar!

ABD-EL-KADER.

Não nos viste em Constantina?

O OFFICIAL.

Foi-nos gloria, e a vós ruina!

ABD-EL-KADER.

Do cimo as nuvens rasgava
O musulmano arcabuz
Protegendo a terra escrava
Contra os assaltos da cruz:
O arabe que succumbia
Crença e patria defendia.

Vês esse sólo coberto
Pelas ossadas d'irmãos
Que branqueiam no deserto,
Morreram ás vossas mãos!
Como que o morto inda lança
O rugido da vingança.

Quem vos fez armar? A inveja.
Quem vos trouxe? Impio fervor.
O signal inda negreja
Das garras do vencedor
Nos roubados ninhos d'aguia...
(Depois de pausa feramente)
Quem tem a divida... pague-a!

O OFFICIAL.

Percebo. A' morte disposto
Busquei-a sempre na acção,
Nem lhe volto agora o rosto,
Nem me treme o coração,
Se de sangue tens cubiça
A morte ordena.

ABD-EL-KADER.

E' justiça!

O OFFICIAL.

(*Ao arabe*).
Vamos. *(ao Emir)* Onde e quando?

ABD-EL-KADER.

Espera.
Franko, se tens que pedir

Falla, diz. Não é de féra
A mão robusta do Emir.
Seja qual for teu pedido
Voto a Allah! — Será cumprido!

O OFFICIAL.

A ti? Nada... *(reflecte)* Peço...

ABD-EL-KADER.

A vida?

O OFFICIAL.

Vinga-te sem me insultar.
(Tira do peito a cruz da legião d'honra).
Esta cruz por sangue havida
Has de mandal-a entregar,
Cumprindo a palavra dada,
Dos meus na guarda avançada.
Diz que a manda o prisioneiro
Poisque elle mesmo não vae
(Com leve abalo na voz):
E' presente derradeiro
Que o remettam a meu pae.
Do honrado velho a memoria
Inda se inflamma na gloria.
Tambem d'antes pela França
Militou e combateu:
Era eu a sua esp'rança,
O seu arrimo era eu!
(Voltando-se para limpar a furto uma lagrima.)
Embora... *(ao Emir)* Affrontas esqueço
(Ao arabe). Fuzilem-me.
(Ao Emir indicando-lhe a cruz que elle tem tomado).
Eis o que peço

ABD-EL-KADER.

(Entregando-lhe a cruz depois de pausa).
Leva-a tu: estás liberto;
Filial e santo amor
Tambem conhece o deserto
Parte e diz ao vencedor:
« Se a paz quereis, imitae-o »

O OFFICIAL.

Direi que és grande.

ABD-EL-KADER.

(Ao arabe).

Guiae-o

(Sáem os dois).

SCENA 3.ª

ABD-EL-KADER.

Guerra de morte, guerra de exterminio
Em quanto a voz do crente for ouvida
Mas o sello indelevel do assassinio
Não manche a juba do leão numida

Da vossa sepultura profanada
Abençoae, Kalifas, o guerreiro :
Mostre o filho de Agar á Europa ousada
Qu'inda n'Africa existe um cavalleiro
E se um dia esta mão fôr desarmada
Digam : « eil-o ; passou o derradeiro ! »

J. S. MENDES LEAL.

Abd-el-Kader que tanto embaraçou os francezes na colonisação da Argelia, guerreiro famoso dos tempos modernos, foi tirado do captiveiro em que vivia em França pelo imperador Luiz Napoleão.

O illustre arabe provou solemnemente a sua gratidão ao poder esclarecido que soube confiar na sua palavra, dando-lhe a liberdade.

Abd-el-Kader é de estatura pequena, o seu rosto é longo e as faces encovadas são pallidas como o marfim exposto ao tempo, tem a fronte alta e espaçosa ; e os olhos grandes e bem fendidos deixam perceber na côr mui negra as inflexões da luz, como pontos de fogo donde partem differentes reflexos que parecem relampejar ante os que tem a fortuna de o encarar. A barba já muito branca, mas não muito hirta, completa a imagem que nos deixou bem viva na memoria a presença do Emir, envolta no amplo trajo branco que perfeitamente carecterisa a raça arabe.

Abd-el-Kader vive ao presente entregue ás mais profundas cogitações na cidade de Brussa, que já foi capital do Imperio Ottomano. E ahi na raiz do monte Olympo se prosta nas preces da sua crença, fazendo votos pela prosperidade da França aquelle que nos campos da batalha oppoz o vigor do seu braço á marcha triumphante do seu exercito.

COMMERCIO.

EXPORTAÇÃO DE AZEITE PELA ALFANDEGA DE LISBOA

NO 1.º SEMESTRE DE 1853.

No numero 35 do volume precedente da REVISTA, de 10 de março do corrente anno, dei algumas noções estatisticas sobre a exportação d'azeite de oliveira pela fóz do Tejo no anno proximo passado. Mostrei que o numero de almudes subia á importante somma de duzentos e sessenta mil, n'um valor aproximado de seiscentos e trinta contos de réis, para fóra do reino, e presumi que ainda neste anno se deveria exportar mais uns noventa mil almudes pertencentes á colheita de 1851. Estimo muito poder dizer que essa quantidade estava já realisada até fins do mez de abril. Dou agora os promenores da exportação dos primeiros seis mezes deste anno, que somma 132:902 almudes. Não digo que toda seja pertencente á colheita de 1851, mas estou certo que o é na maior parte, e ainda existe muito azeite daquella mesma colheita que provavelmente terá o mesmo destino. Comtudo, vê-se que o movimento naquelle genero, *para fóra do reino*, já subia nos referidos seis mezes a 129:304 almudes, no valor de uns 480 contos de réis, pelo preço do genero posto a bordo, que regulou naquelles seis mezes, incluindo o vasilhame e toda a despeza, por 3$700 rs. o almude de 34 arrateis, termo medio.

Parece-me que não haverá um só proprietario de olivedo que não tenha desejado ardentemente, que por effeito de maiores disvelos tivesse augmentado a sua producção nos dois annos passados, para poder gosar em maior escala os preços altamente remunerativos que o azeite tem obtido em todo este anno. Dir-me-hão talvez os menos bem informados, que se os preços tem sido tão altos provêm unicamente de ter sido a ultima safra tão diminuta. Não é porém assim, porque o motor da alta dos pre-

ços vem *de fóra* e é independente das existencias dentro do paiz. Ainda quando a producção do anno passado tivesse sido o quadruplo, toda ella teria sido pouca para a procura nos mercados de fóra, e por consequencia ainda mesmo que os preços não tivessem chegado a 3$500 e 3$600 rs. por almude de Lisboa, a differença para menos não teria sido senão de 200 rs. a 400 rs. em almude.

É muito para lastimar que não obstante a crescida exportação do azeite de Portugal, elle não tenha ainda podido adquirir melhor posição na escala comparativa dos valores dos azeites de outros paizes. Pelo contrario, as queixas, e principalmente da Russia e Inglaterra, augmentam e multiplicam-se cada vez mais, sobre a falta de limpeza nos azeites de Portugal. Dizem que em quanto os outros azeites apenas depositam com o tempo algum pé ou sedimento, que todavia é sempre de côr clara ou da côr do mesmo azeite, o azeite de Portugal, ainda mesmo o mais bem depurado, deposita sempre maior porção de pé, e este ordinariamente de côr negra. Parece que esta circumstancia deve ser attribuida a desmazelo no fabrico, a impuridades que deixam de involta com a azeitona, ou a imperfeição nos methodos da depuração.

Uma das causas que concorrem para a impureza do azeite, é que, sendo elle quasi todo conduzido dos lagares em odres, ha o costume de espremer estes com as mãos depois de despejados, caíndo assim dentro do mesmo azeite toda a sujidade que os odres trazem por fóra. Os almocreves de ordinario, e quando vendem a pezo, procuram trazer os odres molhados e sujos para ter menos tara a abater depois de escorridos. Cumpre, pois, recommendar que o azeite que se escorre dos odres seja recolhido em vasilha separada. Ha outra circumstancia a notar. Nas terras deste paiz onde se costuma depositar azeites em tanques em maiores quantidades, como Barquinha, Abrantes, Santarem etc., ha de ordinario um desmazelo que fôra mister evitar, e é que todas as porções que vem chegando, seja limpo ou não, vão promiscuamente para quaesquer tanques, porque dizem « o pó vae para o fundo. » É verdade que vae, mas não no inverno, quando a maior parte do azeite se recolhe, e a depuração só se completa com o calor da primavera do anno seguinte, e ninguem poderá duvidar que uma grande porção de materias impuras, atravessando todo o volume do azeite n'um periodo de cinco ou seis mezes, ha de forçosamente diminuir as boas qualidades do mesmo.

Ainda depois da depuração consummada, e quando se procede a despejar os tanques, sempre uma boa parte do pé é de novo revolvida, communicando o seu máu gosto e máu cheiro ao todo. Com algum desvelo, e mais algum trabalho, é muito possivel separar o bom do máu na occasião de o recolher nos tanques. O

que é verdade, e se póde verificar em qualquer preço corrente de Liverpool ou de S. Petersburgo, é que os melhores azeites de Portugal são sempre cotados a par dos do Levante e da Barbaria, e que todos os outros de Sevilha, Malaga, Sicilia, Galipoli etc., realisam de uma até sete libras esterlinas por tonelada mais em preço, isto é, valem sempre de dois até dez por cento mais que os de Portugal, e não é esta uma differença que se possa despresar.

Este facto, a decidida desconsideração em que se tem o azeite deste paiz, deve chamar a attenção de todos os que se interessam naquelle genero a fim de procurar a remoção das causas que lhe dão origem. Talvez fosse uma medida proficua mandar o governo vir pequenas porções de azeite de diversos paizes no estado em que costuma ser embarcado, remettendo amostras a algumas camaras dos principaes districtos azeiteiros a fim de poderem ahi ser examinadas as suas densidades relativas e as qualidades para as luzes. Esta ultima circumstancia é summamente importante em quanto á exportação para a Russia e outros paizes do norte da Europa, onde o uso do azeite é quasi exclusivamente para queimar, — e um dos defeitos de que mais se queixam os russos, além da impureza já referida, é que o azeite portuguez não arde tão bem como os outros. Não se póde dizer que nisto tenham culpa os carregadores de Lisboa, porque é sabido que se esmeram em deixar depurar o azeite nos seus tanques quanto lhes é possivel, até com bastante sacrificio de despeza em diversas applicações de calor para precipitar a depuração e separar as borras quando o tempo está frio.

Todos nós preferimos o nosso azeite para prato, e pouco importa se essa preferencia tem fundamento real ou se é meramente gosto adquirido, — o que importa lembrar é que devendo no futuro haver um excedente de producção sobre o consumo do paiz é indispensavel adaptar o nosso azeite aos outros usos dos paizes onde tem de competir com os azeites de Italia e Hespanha, isto é, para luzes, maquinas e diversas manufacturas. Fóra de Portugal, com excepção de suas dependencias, e do Brazil, nem uma só gota do nosso azeite é usada na comida.

Está proxima a epocha da apanha da azeitona e da sua moedura, e aquelles que se esmerarem no aceio e perfeição de todos os trabalhos de certo que tirarão vantagem. Quando mais não seja poderão offerecer os seus azeites aos exportadores, quando os de outros menos diligentes só poderão apresentar uma massa impura e pouco aproveitavel.

Seja-me licito repetir incessantemente que devendo este genero, assim como quasi todos os do paiz, dar no futuro um excedente sobre o consumo interno, o que importa uma posição inteiramente nova para muitas producções, é tambem preciso que

novos ou melhorados sejam todos os processos que facilitam a exportação.

Na nota que vae junta da exportação do semestre passado, comparada com a exportação de 1852, (veja-se a REVISTA de 10 de março deste anno) ha uma notavel differença na parcella « Nacionaes do Continente » No anno passado o Porto recebeu de Lisboa uns cincoenta mil almudes, e no primeiro semestre do anno actual apenas uns tres mil. É que a colheita do azeite nas provincias do Norte foi boa em 1852, o que mostra que o Porto é só um mercado eventual em relação ás provincias do Sul, emquanto que essas tem mercados certos no estrangeiro todas as vezes que a colheita for boa, ou mesmo mediana.

Seria assaz interessante que a imprensa désse uma conta da producção d'azeite no reino nos ultimos dez annos. É muito possivel que os dados officiaes que para isso existem sejam pouco exactos, sobretudo attendendo ás grandes differenças de medidas nos diversos districtos. Comtudo as bases para essa estatistica seriam sempre as mesmas, e teriamos ao menos um termo de comparação para differentes annos. As repartições publicas podiam fazer esse serviço á lavoura e ao commercio.

———

AZEITE DESPACHADO PARA EXPORTAÇÃO PELA ALFANDEGA GRANDE DE LISBOA NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 1853.

Portos de destino	Almudes
Nacionaes do Continente	3.598
Africa e Ilhas	2.345
Brazil	17.154
Russia	20.460
Inglaterra	73.821
Hamburgo e outros do norte da Europa	15.283
Estados-Unidos da America	12
Diversos outros portos	229
Total	132.902

ENSAIOS ESTADISTICOS.

I

EXPOSTOS DO CONCELHO DE ALPEDRINHA.

Toutes les théories et tous les calculs cédent au cri de la nature, au devoir de l'humanité.

CABANIS. — *Sur les Secours Publics.*

Preoccupa o animo de todo o homem reflexivo o constante augmento dos expostos, a extraordinaria despeza, que demanda o seu sustento, e a espantosa mortandade destes infelizes.

Olhando o assumpto por estas tres faces, tem alguns dos nossos medicos procurado remediar tamanhos males, propondo judiciosos alvitres.

Outros, porém, crendo já caducar a instituição das rodas, exigem ousadamente, se extinguam, assacando-lhes imputações abominaveis.

Extincção, *reforma* são os motos, que inscreveram em suas bandeiras os capitães destes dois bandos.

Soldado novel neste genero de lides, corremos todavia a alistar-nos sob o ultimo estandarte. No campo, em que se hastêa, defende-se doutrina mais conforme a nossos principios.

Não faltaremos, pois, aos recontros, a quaesquer refregas; para as batalhas campaes, e bem feridas sobra-nos o animo, fallecem-nos, porém, as armas, que ahi se jogam. Simplices gastadores, por emquanto, vamos carreando as fachinas, que, porventura, devem estar prestes, para cegar o fosso no primeiro assalto.

Em verdade esta questão importante, e sobremaneira complexa, deve discutir-se largamente, e com referencia a varias

localidades. Não se limitem as investigações aos hospicios das cidades mais populosas; estudem-se os estabelecimentos das que o são menos; desça a analyse até aos das nossas villas. O viver destas povoações, aliás mais salubres, e moralisadas, é mui differente do viver daquellas, focos permanentes de physica e moral corrupção.

Quando se conhecesse proveitosa a extincção das rodas nas grandes cidades, não ficava por isso demonstrado que providencia identica produziria o mesmo effeito nas pequenas.

Nesta conclusão é que pecca, segundo nos parece, o raciocinio dos adversarios destes estabelecimentos. Lançam os olhos para a cifra da mortalidade das *grandes* casas de expostos, consideram a de sua manutenencia; assombra-os uma, intimida-os a outra « Valerá a pena, *dizem*, resgatar numero tão diminuto de vidas, á custa de sacrificios tamanhos? » — « Não, respondem afoitos: *abaixo as rodas.* »

E esta resposta é sincera; o amor do bem a tem suggerido; devem respeitar-se os seus auctores, porque não receiam exprimir as convicções, de que estão penetrados. Sobranceiros ao desfavor, que póde ligar-se á censura, que dirigirem a uma instituição tão respeitavel, acceitam impavidos a responsabilidade de seu asserto.

E, forçoso é confessal-o, as estadisticas, em que o baseam, não podem ser mais funebres. Basta citar-se, para exemplo, que no districto de Coimbra foi em 1848 a mortalidade de 78 por 100 (1); no de Ponta-Delgada, no mesmo anno, de 60 (2); no de Lisboa 52 (3), etc.

(1) *Revista Universal Lisbonense* — segunda serie tomo IV, n.º 26. Com o excessivo augmento da mortalidade dos expostos no districto de Coimbra coincidiu um facto importante — *a suppressão de todas as rodas do districto, e a sua centralisação na da cidade.* — Este facto robustece a nossa doutrina do texto. E' notavel a contradicção, em que se achavam, no mesmo anno (1843), duas juntas de districto, a de Coimbra, e a de Villa Real; aquella votou o estabelecimento de uma unica roda permanente no districto; esta, *apoiada na vontade de quasi todas as camaras, manifestada por meio de representações, estabeleceu rodas de expostos na cabeça de todos os concelhos, confiando em que esta providencia alliviaria a sorte destes infelizes.*

(2) *Revista Universal.*

(3) *Zacuto Lusitano* n.º 1.

Lamentamos, com todos os amigos da humanidade, tão desastrosos successos; não cremos porém, que no desbarato das rodas esteja o remedio desejado.

Se, onde se dá a mesma rasão, deve dar-se a mesma disposição, outro é o meio de obviar a este quasi infanticidio legal.

Como a das grandes casas de expostos, é tambem espantosa a mortalidade dos grandes hospitaes; tão funestas são as primeiras para os pobres innocentes, como os segundos para os miseros adultos. Entre as varias causas, a que se attribuem estes effeitos, avulta uma, em que todos os medicos hygienistas concordam, a saber: a amplidão dos edificios, e as numerosissimas familias, que os habitam.

É indubitavel, que quanto menores dimensões tem estes asylos de beneficencia, tanto mais diminuta é a mortalidade, proporção guardada. O raciocinio e a experiencia conspiram para a demonstração deste principio.

Applique-se elle, como aconselha a hygiene, dividam-se as grandes casas de expostos, como devem dividir-se os grandes hospitaes.

Todos concordam egualmente, em que uma das mais poderosas causas da mortalidade dos expostos é o mau tracto, que recebem dos conductores nas longas jornadas, que fazem até o logar da exposição. Pelo alvitre, que propomos, anniquila-se ainda este mortifero elemento.

É pois nossa firme convicção, que diminuidas, em algumas capitaes de districtos, as dimensões das casas de expostos, e augmentado, em diversos pontos de suas áreas, o numero de rodas, a mortalidade necessariamente ha de diminuir.

E quer-nos parecer, que sem accrescimo de despeza se alcançará este resultado proficuo.

As casas, como as propomos, só devem servir para receber as creanças por pouco tempo, em quanto não são conduzidas ao seu destino. Para vigiarem a sua recepção, e tractal-as, neste breve espaço, poucas pessoas se necessitam.

Os salarios das amas do campo, por quem se devem distribuir, podem ser menores do que os das amas dos hospicios,

Mas quando este methodo traga mais avultados dispendios, restrinja-se, como convem, a liberdade da exposição.

E fecundo thema é ainda este para largo discurso; tractal-o-hemos, porventura, no progresso deste trabalho.

Por agora só diremos, que é de necessidade absoluta observar-se as disposições legislativas, que o sabio jurisconsulto, *Manuel Borges Carneiro*, colligiu e ordenou na sua obra — *Direito Civil de Portugal.* (1)

Voltando á questão de mortalidade, e consequente extincção das rodas, segundo pertendem seus antagonistas, (que é a que principalmente nos occupa), insistimos na idéa, que ja enunciámos:

Para resolver este problema tremendo é mister considerar-se como quantidade constante no calculo o conhecimento particular das localidades.

E com effeito, se as estadisticas de algumas destas localidades annullam as premissas, contrariam as conclusões dos inimigos das rodas, prevalece a conveniencia destes pios estabelecimentos, e, por este lado, tira-se toda a sombra de pretexto para ulteriores ataques.

Felizmente assim succede; não é tão geral, como se inculca, a mortalidade enorme, a que se encostam aquelles ruins calculadores.

A estadistica dos expostos do districto de Braga, por exemplo, dá no anno economico de 1847-1848, expostos existentes e entrados 3:332, fallecidos 501; 15 de 100; no anno economico de 1848-1849, existentes e entrados 3:100, fallecidos 382; 12 de 100; e no anno economico de 1849-1850, existentes e entrados 3:160, fallecidos 848; 11 de 100 (2).

Estes algarismos são a mais eloquente apologia das rodas, sob as simples vistas da mortalidade; provam que os desvelos de uma sabia administração podem melhorar a sorte dos infelizes expostos, conservando-lhes suas frageis vidas, e attestam de um modo patente e incontroverso, que a terrivel mortandade, que se observa em outros districtos, póde ser remediada, applicando-se os meios convenientes.

Não são pois as rodas, que se devem accusar da excessiva mortalidade, é a imperfeição do regimen, por que se dirigem.

O termo medio da mortalidade, tem sido em toda a França, de 16 por 100, e o maximo de 38 (3).

(1) Tomo II Parte II. *Creação dos Expostos.*
(2) *Revista Universal* já cit.
(3) *Barão Degerando — De la Beneficence publique. Revista Litteraria.* Tom. 11.º 6.º anno pag. 118.

Os beneficos resultados da estadistica de Braga, excedem muito os daquelle esclarecido paiz, onde a sciencia da administração é sollicitamente cultivada, e as questões de beneficencia publica profundamente discutidas.

Os da estadistica do concelho de Alpedrinha, se bem que menos vantajosos, nem por isso deixam de ser animadores.

Comprehende o mappa respectivo, que abaixo transcrevemos, o espaço de quinze annos. Figuram nelle, entre existentes e entrados, no primeiro qüinquennio, 270 expostos, fallecidos 53, 18 de 100; no segundo 338, fallecidos 59, 17 de 100; no terceiro 420, fallecidos 94, 22 de 100. Existentes e entrados em todo este tempo 1:028, fallecidos 206, 20 de 100. Termo medio da mortalidade nos quinze annos 19 por 100.

Vê-se, que em um dos periodos a mortalidade quasi attingiu o minimo de França, e que o resultado dos tres se afasta do *maximo* pela enorme differença de dezoito unidades, e o termo medio pela de dezenove.

E advirta-se que, nesta longa quadra, preponderou mais ou menos, sobretudo neste concelho, a maligna influencia das guerras civis, cujos resultados se reflectem sempre nesta infeliz classe.

Attenda-se ainda, que na administração dos expostos de Alpedrinha ha graves abusos, grande desleixo; devendo-se a conservação de tantos innocentes mais á boa indole das amas, e á sua residencia no campo, que aos cuidados das pessoas, a quem incumbe protegel-os.

Sob muitos respeitos é lettra morta neste concelho o *Regulamento para a administração dos expostos*, approvado em 1840 pela junta geral do districto.

A maxima parte das juntas tem-se limitado á discussão das verbas de receita e despeza, e pouco tem curado de melhorar a sorte physica, moral, e civil destes filhos adoptivos do estado. Como os curandeiros empyricos, tem considerado nesta ferida social unicamente o symptoma, que dá mais nos olhos; não tem attendido ás causas, não tem investigado a sua natureza.

E todavia, quando se tem do curar uma ferida tão profunda, como esta, não basta consideral-a na sua superficie, affastando os olhos do pus ichoroso, que reçuma do interior;

é necessario animo ousado para a sondar convenientemente, e estudal-a, como cumpre, em toda a sua extensão.

Estudem-na, pois, os medicos, os estadistas, todos quantos podem concorrer para a cura, e com o maximo alcance, para que não escape ao exame alguma circumstancia peculiar, que a complique.

Pela nossa parte fracos serviços podemos prestar, mas taes quaes não os negaremos a uma classe tão desditosa, como digna de favor e protecção.

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO DE CASTELLO BRANCO.

CONCELHO DE ALPEDRINHA

Mappa do movimento dos expostos do concelho de Alpedrinha, desde o anno de 1836 até 1850.

ANNOS	EXISTENTES NO 1.º DE JANEIRO DE CADA ANNO.		ACRESCIDOS ATÉ AO FIM DE CADA ANNO.		FALLECIDOS DURANTE CADA ANNO.	
	VAR.	FEM.	VR.	FEM.	VAR.	FEM.
1836	20	12	10	8	8	6
1837	21	14	6	10	6	4
1838	16	14	5	6	5	2
1839	15	18	6	12	2	3
1840	14	25	21	17	8	9
1841	22	31	5	7	4	4
1842	18	30	14	8	6	6
1843	22	31	11	5	7	7
1844	24	22	7	10	7	7
1845	22	24	12	13	7	4
1846	27	31	15	17	7	7
1847	31	33	11	18	8	16
1848	25	27	22	19	11	13
1849	25	42	17	8	11	8
1850	30	22	9	9	6	7

Secretaria da camara municipal do concelho de Alpedrinha 7 de junho de 1853.

O escrivão da camara,

JOSÉ DA CUNHA RIBEIRO.

ABDUL-MEDJID

E O

IMPERIO OTTOMANO.

I

Na lista dos soberanos do mundo o nome de Abdul-Medjid merece ao presente uma attenção especial.

A' grande questão da guerra ou da paz, significando a absorpção dos povos pela força, ou o desenvolvimento da civilisação pelo genio e pelo trabalho, foi desde alguns annos posta pela diplomacia em Constantinopla, para se debater nos conselhos do sultão sem alterar o socego dos gabinetes da Europa.

A integridade do imperio ottomano eis a formula que resume esta questão, que tira da localidade do debate a denominação de questão do Oriente, mas que é, pela importancia dos interesses que abrange, a verdadeira questão do Occidente. — Roto o equilibrio que sustem a Russia nos limites impostos á sua ambição conquistadora, a obra de mais de cincoenta annos de trabalho ficará inutil por alguns seculos para o futuro da humanidade. A espada do Czar apontada para o foco dos progressos physicos e moraes da Europa póde marcar uma grande baixa em valores que hoje são o patrimonio, a vida, a nacionalidade de grandes massas de população. — O herdeiro do sceptro de Pedro Grande conhece forçosamente a influencia que as suas acções podem ter nos destinos da civilisação. As causas desta situação especial tiveram origem nas relações que existem entre o seu imperio sequioso de mais civilisação ou de mais poder, e as outras nações que o sol da intelligencia beneficiou com preferencia á Russia, que o trabalho livre engrandeceu e honrou, protestando contra a preferencia dada á espingarda sobre a enchada, á artilheria sobre a machina, e ao servo sobre o operario.

Terá ou não a cabeça do imperador Nicoláu bastante dominio sobre o seu coração de guerreiro, para o interessar na manutenção da paz do mundo? O gabinete de S. Petersburgo lucra immenso com o segredo da resposta que ha muito ahi se deve ter dado a tal pergunta. A sua importancia cresce pela duração de tal segredo, e o primeiro logar pertencerá sempre ao gabinete que tem ante si a perspectiva de uma conquista que o póde transformar na primeira das nações, não só pela extensão do territorio, mas por meio das posições geographicas dos seus novos estados em relação ao commercio de todas as nações.

As relações da Russia com o imperio ottomano, as phases differentes que tem apresentado a questão do Oriente, revelam os traços principaes da situação que procuramos esboçar ao engastar nella a physionomia historica do sultão actual.

As nações não conhecendo a direcção que a Russia dará aos seus actos encaram a prudencia e o saber do Divan como fiadores de que a paz se não trocará pela guerra. Esta situação diplomatica é a mesma que desde a elevação ao throno cerca o esclarecido Abdul.

Em duas partes se decompõem a missão do chefe dos vinte povos differentes que occupam o territorio que se estende das costas do Adriatico até ao coração da Asia, e das fronteiras da Persia até as fronteiras da Algeria; uma é grupar em volta de principios uniformes as differentes raças, as differentes crenças em que se dividem os trinta e cinco milhões de habitantes daquelle imperio, a outra é não dar pretexto para que o estandarte da Russia venha tremular sobre Constantinopola para chamar assim ás armas os povos que hoje vivem da paz, e da civilisação que ella tem promovido.

Estes dois pontos são portanto os que descrevem o caminho a seguir neste quadro biographico, e são a origem das duas cores unicas que pelo effeito da luz da historia, e pelo contraste dos factos nos devem compor as feições que possam dar o cunho da similhança ao retrato do successor de Mahmud.

Os acontecimentos que servem de fundo ao quadro animado da civilisação turca só podem ser traçados depois que esteja de todo esboçada a sua figura mais notavel, o sultão Abdul, principal causador do movimento de idéas que ha de transformar a grande massa de povos espalhada nas cento e vinte e uma mil leguas quadradas do seu imperio.

Abdul-Medjid-Khan nasceu a 23 de abril de 1823, e o trigesimo primeiro soberano da familia de Osman, vigesimo oitavo depois da tomada de Constantinopola, e o vigesimo primeiro filho de Mahmud. Durante a infancia viveu no serralho, isto é, no palacio do sultão que não é como muitos pensam a residencia das mulheres do chefe do imperio, e assim que teve edade

de aproveitar as lições dos bons mestres que lhe eram destinados, começou a sua educação aprendendo as linguas turca, arabe e persa. Havia no serralho um curso completo de educação comprehendendo muitas disciplinas, o qual era seguido não só pelos filhos do sultão, mas pelos filhos das principaes familias do imperio. Os alumnos que se aproveitavam deste curso se chamavam *agás*, e dividiam-se em tres classes successivas e graduadas. Foi nestas classes que o actual sultão, além de varias linguas, aprendeu música, desenho, equitação, historia e um curso completo de geographia. Frequentando estas disciplinas com perto de quatro mil agas, fez-se notavel pelo seu engenho e vivacidade entre tão grande numero de condiscipulos. Tendo os homens mais notaveis do imperio saido desta escóla, Abdul soube-a honrar pelo aproveitamento de quanto aprendeu. E se ella se gloriava de ter tido por discipulos Kosrew-Pachá, generalissimo do imperio, almirante visir pelo espaço de 40 annos, Ahmet-Feti-Pachá esclarecido representante da Porta por algum tempo em França, e entre muitos outros caracteres illustres Said-Pachá genro do sultão Mahomud; não lhe resultou menos credito de haver educado o monarcha instruido e corajoso, que soube marcar á civilisação turca uma nova era com a outhorga do Hatti-Sheriff.

Membros distinctos do corpo diplomatico europeu attestam que Abdul pela sua illustração não é inferior a nenhum dos principes que se assentam nos thronos da Europa. A lingua franceza é para elle familiar, bem como o grego e o persa.

A sua phisionomia severa animada por um olhar expressivo e vago, revela que a meditação immobilisa as linhas geraes que a constituem, e que dentro daquella testa ampla e oval o pensamento se agita em um trabalho continuado: a barba espessa e negra faz destacar a pura pallidez que tinge de uma côr triste e mysteriosa o rosto de Abdul. Envolto nas amplas e riquissimas vestes do trajo turco, a gravidade e nobreza do porte, a luz do genio que parece arder-lhe nos olhos negros e fallantes, que dão vida á sua phisionomia meditativa, eis os caracteres que entre mil turcos revelariam que o imperador ahi estava. Com farda á europea e tendo apenas o turbante, como signal da sua raça e da sua crença, parece o homem da civilisação moderna conhecedor de todos os seus progressos e recursos: se toma a palavra lenta e sonora sabe encantar e admirar os que tem a fortuna de o ouvir fallar no circulo de homens sabios e talentosos que assiduamente o cerca. Aos dotes do espirito que o fazem estimar pela Europa junta essa agilidade admiravel de corpo, que é como uma fascinação para os povos do Oriente. E assim á consideração que lhe tributam os gabinetes da Europa se reune a affeição do seu exercito e das grandes massas do povo que nelle reconhecem com prazer o direito do dominio. O reinado tormen-

toso de seu pae foi uma lição que o principe aproveitou perfeitamente, sabendo continuar e ampliar a obra da civilisação turca apenas principiada por aquelle.

Quem hoje conhece a situação da Sublime Porta e a compara com a barbaridade de que ainda appareciam provas revoltantes na côrte de Mahmud, avalia quanto a Turquia deve a Abdul-Medjid. Um facto só, a saída do poder do chefe do Divan Pertew Pachá, prova que no tempo de Mahmud ainda o sangue corria dos firmans imperiaes. O *Monitor Ottomano*, jornal official da Porta, explicando o desagrado em que tinha caído o ministro dizia que sua alteza tinha querido punir com a sua demissão, e de um modo exemplar a falta absoluta da capacidade para o logar que desempenhava, a ignorancia dos negocios e finalmente o modo como lhe escondia a verdade esse infiel depositario do poder. Um historiador do tempo fallando nas tendencias retrogradas de Pertew Pachá chamou-lhe o ultimo dos turcos; e como turco do tempo antigo foi a sua morte. Estando refugiado em Andrinopoli o Pachá o convidou a um jantar e findo elle, ponderou que, mesmo no exilio, sua alteza o julgava perigoso para a segurança do imperio, e tendo acabado de tomar o café do estylo, e de sorver algumas vezes o tubo de um riquissimo cachimbo, foi-lhe entregue pelo Pachá o firman imperial que dispunha da sua vida. Pertew, sem se admirar, e com a mesma serenidade em que estava perguntou se o veneno estava prompto, e sendo-lhe immediatamente servido o bebeu pronunciando unicamente esta exclamação: *Allah!* Tardando o effeito do veneno foram mandados entrar soldados que o mataram a golpes de alfange na propria salla do banquete. No dia seguinte fizeram-lhe honras funebres de grande magnificencia e o *Monitor* annunciava a sua morte como causada por uma apoplexia.

Era assim que o antecessor de Abdul provava que tinha a alma forte e o coração duro de um homem que teve de impor a civilisação pela coragem e pela força. Na vida de Mahmud o mez de julho marca as tres épocas mais notaveis. Nasceu a 20 de julho de 1785, subiu ao throno a 28 de julho de 1808 e morreu no 1.º de julho de 1840, tendo portanto 38 annos quando nasceu seu filho Abdul. Foi tambem depois desta data que se passaram as grandes scenas da vida de Mahmud, parecendo que estavam reservadas para serem vistas pelo seu futuro successor. Desde 1823 Mahmud escreveu na historia com sangue a celebre data da extincção, da matança dos janisaros de execravel memoria. Este feito tão grandioso pelos fins a que se dirigiu, como terrivel pelos meios de o realisar, não tem na historia muitos que se lhe assemelhem.

E o homem que subiu ao throno, dando provas de audacia e de perserverança, não tremeu ante uma acção, que sendo exigida

pelo socego e civilisação do imperio, foi comtudo estampar a sua imagem em sangue nos annaes da historia. Antes delle animos ousados haviam desanimado no empenho. O sultão Selim III por haver estabelecido o *nizzam djeddi*, nova milicia que devia enfraquecer a influencia dos janizaros, succumbiu. O successor de Selim, Mustapha IV elevado ao throno pelos proprios janizaros, d'ahi desceu ao cabo de um anno, para subir a elle Mustapha Baraictar, servo fiel de Selim, que entregou o throno a Mahmud, tendo este apenas 23 annos. O poder que lhe punham nas mãos era apenas um simulacro vão. O Epiro era opprimido por Ali-Pachá, o Egypto começava a ser agitado pela revolta ambiciosa de Mahomet-Ali. No divan, nos conselhos de Mahmud dominava o vassallo temivel que o tinha investido das vestes imperiaes. A vingança dos janizaros acaba esta influencia assassinando Mustapha Baraictar. O sangue cerca assim o throno de Mahmud, e recordações terriveis parecem ameaçar-lhe um termo fatal. O momento era solemne e decisivo, e era mister curvar a cabeça e declarar-se vencido, ou corajoso descarregar um golpe terrivel sobre os seus inimigos. Mahmud achou na coragem do seu animo ousado o meio de lançar mão deste ultimo recurso. Em junho de 1826 a destruição dos janizaros foi por elle ordenada, e a matança durou dois mezes. Estava ainda quente o sangue derramado em dias de horrivel mortandade, quando a insurreição da Grecia paralisou no começo seus planos de reforma. Salvo do desastre de Navarino foi obrigado a mandar os seus exercitos contra a Russia em 1828 até que assignou em Andrinopoli o tratado que o despojava das suas provincias do norte: juntando a estes factos os acontecimentos e relações diplomaticas que tiveram origem na revolta do pachá do Egypto, faremos perfeita idéa de todas as recordações que o reinado de Mahmud deixou na memoria de seu filho Abdul: e estamos preparados para o ver subir ao throno de seu pae, declarando-se o fundador da nova civilisação do imperio ottomano.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

(Continúa.)

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

CLASSE DE SCIENCIAS MATHEMATICAS, PHYSICAS E NATURAES.

José Cordeiro Feio.
Dr. Filippe Folque.
Albino Francisco de Figueiredo e Almeida.
Daniel Augusto da Silva.
Julio Maximo de Oliveira Pimentel.
Marino Miguel Franzini.
Dr. Thomaz d'Aquino e Carvalho.
Dr. Thomaz de Carvalho.
Dr. José Maria Grande.
Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva.
José Vicente de Barbosa du Bocage.
João de Andrade Corvo.
Dr. Bernardino Antonio Gomes.
Dr. Francisco Antonio Barral.
Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão.
José Eduardo de Magalhães Coutinho.
Dr. José Pereira Mendes.
Dr. Francisco Martins Pulido.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES E POLITICAS, E BELLAS-ARTES.

Francisco Freire de Carvalho.
Antonio Feliciano de Castilho.
Antonio José Viale.
Antonio de Serpa Pimentel.
Visconde d'Almeida Garrett.
Manuel Maria da Silva Bruschy.
Antonio Gil.
Arcebispo de Mitylene.
Duque de Saldanha.
Antonio d'Oliveira Marreca.
Rodrigo da Fonseca Magalhães.
Visconde de Sá da Bandeira.
Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo.
José Tavares de Macedo.
João da Cunha Neves e Carvalho Portugal.
José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello Branco.
Joaquim José da Costa de Macedo.

REVISTA DAS SCIENCIAS E DAS ARTES.

CARTA DAS COMMUNICAÇÕES ESTABELECIDAS NO MUNDO POR MEIO DO VAPOR E DA ELECTRICIDADE. — Esta obra importante foi levada a cabo pelo sr. Anatole Chatelain, addido ao ministerio do interior da agricultura e do commercio sob os auspicios do sr. Heurtier, conselheiro de estado, director da agricultura e do commercio, aproveitando os numerosos trabalhos que tinha obtido durante o desempenho de uma missão nas duas Americas. Sua magestade o imperador dos francezes acceitou a dedicatoria, favor até ao presente excepcional.

OLEO DE TEREBENTINA APPLICADO A RESTAURAÇÃO DOS QUADROS. — O sr. Schoenbein, de Bale, descobriu que o oleo de terebentina exposto em um vaso de vidro destapado ao contacto do ar, e aos raios direitos do sol, sendo agitado de dias a dias pelo espaço de tres mezes, adquire propriedades oxydantes absolutamente similhantes as da agua oxygenada de Thenard; fazendo voltar á sua primitiva côr branca o branco de chumbo enegrecido pela acção do hydrogenio sulfurado.

MALAQUITE ARTIFICIAL. — A malaquite verde, essa pedra valiosa tão querida dos ricos, e que nas famosas portas e respectiva mobilia, expostas no departamento da Russia no palacio de christal, foi tão admirada por milhares de concorrentes, vae dever a sua popularidade á recente descoberta do celebre chimico de Berlin o sr. Roze. Pelo seguinte processo a malaquite se obtem tão perfeita como a que fôr pesada a ouro. Precipitar uma dissolução de sulfato de cobre a frio pelo carbonato de soda; deixar que este precipitado muito abundante chegue ao estado de cohesão; secco e depois lavado bastará polir esta massa para que apresente o aspecto da malaquite.

CARTA GEOLOGICA DA BELGICA.—Um exemplar deste util e bello trabalho foi offerecido á academia das sciencias de Paris da parte do ministro do interior da Belgica. E' obra do sr. Dumont, professor da universidade de Liege, é composta de nove folhas e segundo opiniões competentes figura ao lado dos mais acredita

dos trabalhos que neste genero possue a Inglaterra, França e Alemanhã.

FORÇA DO CALORICO. — Na presente situação industrial são do maior alcance as experiencias do sr. Reynault do instituto de França, que sendo o resultado de 12 annos de trabalho tem por fim resolver este importante problema da nossa era. « Dada uma certa e determinada quantidade de calor, qual é theoricamente o trabalho motor que dessa quantidade se póde obter, applicando-a á dilatação dos diversos fluidos elasticos, nas diversas circumstancias praticamente realisaveis. »

IMPRESSÃO PHOTOGRAPHICA SOBRE ALGODÃO.—Se é facto e se tiver seguimento uma noticia, publicada pela *Independencia Belga*, a estampagem do algodão vae passar por uma espantosa revolução. O referido jornal diz :

« Acabam de inventar em Inglaterra uma applicação da photographia á estampagem dos algodões. O tempo empregado em estampar uma peça, poderá chegar a ser 2 minutos. O mesmo processos e poderá applicar á lã e á seda. E' esta a primeira applicação de tão admiravel descoberta á industria. »

Seguiremos como nos cumpre o complemento desta noticia.

PRIMOR D'ARTE. — Em Colonia se está expondo á admiração publica o seguinte : — Uma superficie polida, na qual apenas se percebem algumas nodoas coloridas sem reconhecer vestigio de nenhum desenho, nem composição regular, similhantes aos restos de tinta que podem ficar, ao cabo de qualquer obra, na palheta do pintor, sendo vista em um espelho cylindrico collocado em frente do centro da superficie, é transformada subitamente em uma composição perfeitamente regular, representando a *Elevação da Cruz*, com seis figuras, tão admiraveis pela correcção do desenho, como pela verdade, vigor e brilho do colorido. As anamorphoses produzidas pelos espelhos cylindricos e conicos explicam a transformação que deve o seu mais bello effeito á escolha e habil execução do quadro que tantos elogios merece.

TOXICOLOGIA. — Chamamos a illustrada attenção da medicina portugueza sobre a memoria do sr. Carlos Flandin, apresentada ha pouco á academia franceza, o qual nas suas conclusões pertende estabelecer que não é impossivel tornar a fazer apparecer os principios immediatos toxicos nos casos de envenenamento. A putrefacção mesmo adiantada não promove infallivelmente a destruição ou decomposição dos venenos organicos. Taes venenos entram na economia animal por absorpção, isto é por *acção de presença*, e por consequencia se podem achar nos orgãos da victima depois da morte.

R. DE S.

BIBLIOGRAPHIA.

COLLECÇÃO DE FAC-SIMILES, pelo conselheiro *Antonio José Dique da Fonseca.* — Recommendamos esta curiosa publicação, que será de grande apreço para os que se interessam pelas antiguidades da nossa historia. Constará esta obra de dois volumes em folio, edição nitida; contendo o primeiro volume: —

Cento e vinte Fac-Similes das assignaturas dos senhores reis, rainhas, principes e infantes de Portugal, desde o senhor D. Diniz inclusivé; e dos governadores, que, em nome dos Filippes, regeram estes reinos; extraídos dos documentos originaes que existem no archivo da torre do tombo, precedidos de um mappa chronologico-historico dos mesmos senhores reis, rainhas, principes e infantes, o mais exacto que até hoje se tem publicado; e de um indice chronologico dos ditos Fac-Similes, no qual se dão as necessarias explicações para intelligencia das pessoas que não teem conhecimento da letra antiga, se citam as datas dos documentos d'onde elles foram copiados, e se indicam os locaes, em que os mesmos documentos estão archivados na referida torre do tombo.

E o segundo volume: —

Duzentos e dez Fac-Similes das assignaturas de alguns escrivães da puridade, e dos ministros e secretarios d'estado que tem havido em Portugal desde o reinado do senhor D. João V inclusivé, copiados pela maior parte dos documentos originaes que se acham no referido archivo da torre do tombo, e precedidos de um indice alphabetico dos mesmos Fac-Similes, no qual se indicam as diversas secretarias d'estado em que os ditos ministros serviram, as datas dos decretos porque foram nomeados, transferidos ou exonerados, e os jornaes em que taes diplomas se acham publicados.

Junto ao primeiro volume se encontra o attestado do official-maior servindo de guarda-mór da torre do tombo, que prova a exactidão dos Fac-Similes que formam esta collecção.

Preço da assignatura 1$200 réis, pagando-se 600 réis no acto da entrega de cada um dos volumes.

Recebem-se assignaturas nas seguintes lojas: — Em Lisboa, Lavado, rua Augusta n.º 8. — No Porto, Coutinho, rua dos Cal-

deireiros. — Em Coimbra, Mesquita, rua das Covas. — Braga, Domingos José Vieira da Cruz.

ETUDES ADMINISTRATIVES, por *Vivien*. — 2 volumes, preço em Paris 7 fr. — Quem tiver lido seguidamente a *Revista dos dois Mundos*, conhecerá uma boa parte destes estudos, que nos dois volumes que annunciámos se publicaram muito mais augmentados.

HISTORIA PHYSICA E POLITICA DO CHILI. — Continúa a publicação desta importante obra do sr. *Claude Gay*. Consta já de 19 volumes de texto, com um atlas de 271 estampas e cartas geographicas. Depois de concluida, será, segundo a opinião de pessoas competentes, a obra mais completa que as sciencias possuem ácerca deste grande paiz da America do sul. As partes que mais interesse offerecem tem referencia á zoologia, botanica, e geographia physica. A Academia das Sciencias de Paris encarregou o seu exame aos srs. Edwards, Brongniart e Boussingault. O sr. Noriega, official superior do exercito hespanhol, foi o principal collaborador desta notavel publicação.

LIÇÕES DE MECANICA PRATICA, sobre a resistencia que offerecem os materiaes para construcção. — E' este o titulo de uma nova obra do general Morin, habil director do conservatorio das artes e officios de Paris, a qual tem por fim demonstrar com experiencias que as hypotheses sobre que se tem fundado a theoria e as formulas praticas, usadas até ao presente, para calcular as dimensões dos solidos empregados como corpos de supporte, são insuficientes para que os engenheiros continuem confiadamente a fazer uso dellas.

LETTERS TO FARMERS BY JAMES HAYWOOD. — 1 volume preço em Londres 3 sh. e 6 d. — Esta obra é recommendada com interesse aos agricultores pelos tres jornaes. — *Gardener's Chronicle* — *Athenæum* — *Farmer's Herald*.

THE NEW MONTHLY BELLE ASSEMBLEE. — E' este hoje um dos mais elegantes jornaes que se publicam em Inglaterra. Contém cada numero 8 finas gravuras e custa 18 penys. E' publicado debaixo do patrocinio da sr.ª duqueza de Kent.

UN PRETENDANT PORTUGAIS AU VI SIÉCLE, par *M. E. Fournier*. — Com muita satisfação adoptamos, transpondo para o nosso jornal, o juiso critico que diz respeito a esta obra. « Com este titulo se publicaram alguns ensaios ácerca da historia e litteratura portugueza, dos quaes o principal é o retrato do aventuroso

pretendente D. Antonio, Prior do Crato, que morreu obscuro em Paris no anno de 1593, depois de ter querido interessar a Europa inteira nas suas pretenções de principe desthronado. Foi para o auxiliar que uma esquadra franceza, a primeira que se arriscou a uma batalha no Atlantico, foi batida perto dos Açôres pela esquadra de Filippe II. O sr. Fournier reuniu em uma carta ao sr. Dantas, secretario da legação portugueza em Paris, todos os traços essenciaes de tão estranha phisionomia e de um destino tão tempestuoso. Póde notar-se que o auctor se deixou preoccupar da idéa de limitar muito o seu escripto, que sendo, como é, agradavel pela vivacidade não teria perdido despresando menos os desenvolvimentos e promenores. O volume a que nos estamos referindo contém tambem alguns ensaios sobre a historia litteraria de Portugal, e entre elles a historia e traducção da *Rosalinda* uma das perolas do Romanceiro portuguez, que o sr. visconde d'Almeida Garrett publica com o zelo de um erudito e o gosto de um poeta. »

Folgamos com o final do artigo da *Revista dos dois Mundos*, pelo acerto com que presta o seu louvor a um dos primeiros nomes litterarios desta terra, ou para dizer a verdade inteira, da era em que vivemos. Assim o podemos dizer porque a lista das suas obras ha de figurar n'uma historia litteraria de Portugal.

ENSAIO DE TECHNOLOGIA CHIMICA PARA USO DOS INDUSTRIAES E DOS CAPITALISTAS, por *Sebastião Betamio de Almeida*, offerecido á Associação Industrial do Porto. — O talento do sr. Betamio de Almeida e a sua larga experiencia em França, no que diz respeito á chimica industrial, são recommendações auctorisadas para desejarmos com anciedade esta publicação, porquanto, está faltando ha muito á industria uma obra, como a que planeou o sr. Almeida, toda em relação á pratica. Estamos persuadidos que o ensaio de technologia chimica será um serviço importante prestado ao paiz pelo illustre professor de chimica applicada ás artes na escóla industrial do Porto. No bem desenvolvido prospecto lemos o seguinte :—*modo e publicação de condições da subscripção.*

A *Technologia Chimica* formará 4 volumes em grande 8.º francez de proximamente 600 paginas cada um. O typo será egual ao deste prospecto, o papel de superior qualidade, e o texto intercalado de gravuras em madeira como as mais modernas obras de sciencia editadas em Paris.

A publicação far-se-ha por cadernos de 32 paginas, começará logo que haja o sufficiente numero de assignantes, e estará terminada antes de findar o anno escolar 1853 — 1854.

Os srs. assignantes compromettem-se a pagar a obra inteira; mas não pagam senão á medida da publicação, e no acto da entrega de cada caderno, cujo preço será de 120 réis.

Terminada que seja a *Technologia Chimica* abrir-se-ha nova subscripção para se começar a publicação do *Boletim da Technologia Chimica:* o qual além de consignar todas as *addições e correcções* cuja necessidade o progresso da sciencia tiver imposto á obra que vamos editar, dará conta de todos os trabalhos e invenções importantes em chimica-industrial, dos mais interessantes *brevets* tomados em Paris etc. Será um verdadeiro jornal, n'uma palavra; além de ser a continuação natural e indispensavel da *Technologia Chimica.*

Aos senhores que quizerem ter a bondade de proteger a importante publicação que vamos editar; e de encarregar-se de exemplares deste prospecto, a fim de promover a subscripção, rogamos o particular favor de nol-os devolverem logo que julguem ter prehenchido o numero de assignaturas que lhes é possivel obter. E ás pessoas a quem não convier nem grangear-nos assignaturas, nem subscrever, pedimos o obsequio de devolver-nos pura e simplesmente os exemplares que tomamos a liberdade de endereçar-lhes.

Recebem-se assignaturas no Porto na typographia do sr. Faria Guimarães, rua do Bomjardim n.º 566, na livraria de mr. Moré praça de D. Pedro, e na do sr. Cruz Coutinho aos Caldeireiros.

Toda a correspondencia relativa á *Technologia Chimica* deve ser dirigida ao seu editor — *Antonio José da Silva Teixeira.* — *Porto.*

A nossa recommendação é mais de que um dever é um serviço prestado aos que se utilisarem desta obra.

R. DE S.

SUMMARIO.